

Universidade Aberta



CASA DE BRASILEIROS DE PAÇOS DE FERREIRA

“Ecletismo e Exuberância”

Maria da Assunção da Silva Barros

Mestrado em Estudos do Património

2020

Universidade Aberta



CASA DE BRASILEIROS DE PAÇOS DE FERREIRA

“Ecletismo e Exuberância”

Maria da Assunção da Silva Barros

Mestrado em Estudos do Património

Orientação científica: Professora Doutora Maria Alexandra Trindade
Gago da Câmara

Vol. I

O presente documento é destinado a apreciação pelo júri nomeado para a avaliação final da Tese de Mestrado em Estudos do Património.

É constituído por dois volumes. O Volume I diz respeito ao texto da dissertação. O Volume II corresponde aos anexos.

Para facilitar a leitura e consulta de materiais relevantes, as tabelas, figuras e anexos encontram-se numerados de acordo com o capítulo ou secção a que se referem.

Todas as fotografias não creditadas são propriedade da autora.

DEDICATÓRIA

À memória dos meus pais

AGRADECIMENTOS

A elaboração desta dissertação só foi possível graças à colaboração direta e indireta de algumas pessoas, pois um projeto desta índole requer um vasto trabalho de campo e muito tempo solitário.

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Doutora Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara que teve amabilidade de aceitar a orientação desta Dissertação. O seu rigor científico, a sua disponibilidade, compreensão e, algumas vezes, incentivo foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Cumpre-me também agradecer às instituições públicas e aos privados que nos abriram as suas portas.

À Câmara Municipal de Paços de Ferreira, na pessoa do Dr. Paulo Sérgio que autorizou a consulta do Arquivo Municipal e autorizou a digitalização dos documentos de carácter histórico.

À Biblioteca Municipal Prof. Vieira Dinis, na pessoa da bibliotecária Paula Lobo que me orientou na pesquisa do arquivo da Biblioteca.

À Misericórdia de Paços de Ferreira, na pessoa do seu tesoureiro António Magalhães Ferreira que nos guiou na visita à instituição.

Ao Arquiteto Sílvio Silva que, amavelmente, nos disponibilizou o projeto de reabilitação da Vila Maria.

Agradecimento póstumo ao Dr. Fernando Vasconcelos e ao Técnico Agrícola Rodolfo Alves Bentes pela gentileza com que nos abriram as suas portas e partilharam a história da família.

À D. Emília Teresa Leão, ao Dr. Paulo Barros, ao Dr. Pedro Nogueira e ao Sr. Diamantino Ferreira da Silva pela simpatia com que nos receberam e pela amabilidade com que nos facultaram os documentos dos seus arquivos privados.

Aos meus familiares que me incentivaram e se disponibilizaram para que eu tivesse tempo para o meu trabalho individual.

Aos meus sobrinhos Ricardo, Rui, Helena e Jorge que me apoiaram na parte final do trabalho.

RESUMO

O património edificado dos brasileiros, no apogeu do século XIX e no alvorecer do século XX, tem despertado interesse por parte de investigadores que, através dos seus trabalhos, têm contribuído para o despertar de novos estudos. Nesse sentido, debruçamo-nos sobre as Casas de brasileiros do Concelho de Paços de Ferreira.

Para compreender a sua génese, recorreremos à investigação histórica e sociológica da emigração oitocentista de Portugal para o Brasil e da influência que o seu retorno teve no património arquitetónico.

Conscientes da influência que os brasileiros exerceram no património do Concelho, analisamos as alterações introduzidas na arquitetura Civil e os novos elementos estruturais na edificação das suas habitações.

Deparámo-nos com um património arquitetónico que urge descobrir o seu significado na História da Arte e da Cultura, só assim, conseguiremos que esta valiosa herança não desapareça.

Palavras Chave: Casa de Brasileiros, Torna-Viagem, Património Arquitetónico, Ecletismo, Preservação.

ABSTRACT

Brazilian built heritage, in the peak of the nineteenth century and start of the twentieth century, began to increase the level of interest on investigators which, through their work, contributed to new studies on this matter. In this sense, we address the study of the Brazilian houses in Paços de Ferreira.

To understand its genesis, we relied on sociological and historical investigation of the eighteenth-century emigration from Portugal to Brazil and the influence that their return had on the country's architectural heritage.

Aware of the influence the Brazilians exerted on Paços de Ferreira's patrimony, we analyzed the alterations introduced into the civil architecture and the new structural elements featured in their buildings' edification.

We came across an architectural heritage that urges to reach its significance in the History of Art and Culture, only thus, we will be able to stop this valuable inheritance from vanishing.

Keywords: Brazilian House, Torna-Viagem (free translation: return trip), Architectural heritage, Eclecticism, Preservation.

ÍNDICE

DEDICATÓRIA	II
AGRADECIMENTOS	III
RESUMO	V
ABSTRACT	VII
ÍNDICE DE FIGURAS	3
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	6
INTRODUÇÃO	7
METODOLOGIA	11
ESTADO DA ARTE	13
<i>Nova arquitetura Civil oitocentista</i>	13
CAPÍTULO 1	17
<i>Emigração oitocentista</i>	17
1.1 Emigração para o Brasil	17
1.2 A Emigração em Paços de Ferreira do século XIX	20
CAPÍTULO 2	23
<i>Influência dos brasileiros no Concelho de Paços de Ferreira</i>	23
2.1 Origens do Concelho	23
2.2 Localização do Concelho de Paços de Ferreira e seus limites	26
2.2.1. Paços de Ferreira nos séculos XVIII e XIX	26
2.2.2. Influência da emigração no património edificado	27
CAPÍTULO 3	29
<i>Análise das casas estudadas</i>	29
3.1 Localização das Casa de Brasileiros no Concelho de Paços de Ferreira	29
3.2 Implantação / arquitetura das casas	31
3.3 Interiores das casas	36
CAPÍTULO 4	39
<i>Casas de Brasileiros (Torna-Viagem)</i>	39
4.1 Casa de Brasileiros	39
4.2 Análise dos Casos em estudo	45
4.2.1. Casa do Padrão	45
4.2.2. Casa Dr. Vasconcelos	53
4.2.3. Casa Dr. Jaime Barros	59

4.2.4. Casa Judite Mendes Neto	69
4.2.5. Casa Vila Formosa	75
4.2.6. Casa da Coqueda/ Vila Maria	85
4.2.7. Guarda Nacional Republicana – Paços de Ferreira	93
4.3 Casa de “Brasileiros” em Ruínas	97
4.4 Valor e significado Patrimonial das Casas de Brasileiros	101
<u>CONCLUSÃO</u>	<u>103</u>
<u>FONTES E BIBLIOGRAFIA</u>	<u>105</u>

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.2-1 Emigração dos "naturais" do distrito do Porto. Retirado de ALVES J.F. "Os Brasileiros Emigração e Retorno no Porto Oitocentista	21
Figura 1.2-2. Informação sobre o retorno (1963-73). Retirado de ALVES J.F. "Os Brasileiros Emigração e Retorno no Porto Oitocentista	22
Figura 2.1-1. Brasão de Paços de Ferreira	25
Figura 2.2-1. Localização de Paços de Ferreira no Mapa	26
Figura 3.1-1. Mapa das Freguesias do Concelho de Paços de Ferreira.....	30
Figura 3.2-1. Portão principal da Casa Dr. Vasconcelos e GNR	32
Figura 3.2-2. Portão Principal da Vila Formosa	33
Figura 4.2-1. Foto de Manoel Alves Carneiro (Foto A.F.)	45
Figura 4.2-2. Casa do Padrão (Foto)	46
Figura 4.2-3. Azulejos do revestimento do exterior.....	48
Figura 4.2-4. Jardim	49
Figura 4.2-5. Hall de entrada	50
Figura 4.2-6. Varandim interior	50
Figura 4.2-7. Tetos da escadaria e da sala de jantar.....	50
Figura 4.2-8. Muro de vedação.....	51
Figura 4.2-9. Palacete do Dr. Vasconcelos, alçado sul	53
Figura 4.2-10. Palacete Dr. Vasconcelos alçado norte (A.F)	54
Figura 4.2-11. Fachada principal	55
Figura 4.2-12. Teto em estuque da sala de estar	56
Figura 4.2-13. Lavatório e fogão de sala.....	56
Figura 4.2-14. Bráz Gomes Nogueira.....	59
Figura 4.2-15. Casa Dr. Jaime Barros.....	60
Figura 4.2-16. Jardim	61
Figura 4.2-17. Fotografia aérea da propriedade Dr. Jaime Barros (A.F.)	63
Figura 4.2-18. Chão do hall de entrada (Mosaico árabe e placa de mármore com a inscrição do nome do proprietário).....	64
Figura 4.2-19. Papel de Parede da biblioteca	65
Figura 4.2-20. Teto em estuque pintado representado "As 4 ^o estações"	65
Figura 4.2-21. Teto em estuque a similar madeira.....	66

Figura 4.2-22. Escadaria em Madeira	67
Figura 4.2-23. Teto em estuque Gótico	67
Figura 4.2-24. Parede da escadaria em escaiola.....	68
Figura 4.2-25. Casa de Judite Mendes Neto.....	69
Figura 4.2-26. Alçado principal	71
Figura 4.2-27. Planta do alçado principal da Casa Judie Neto (Foto A.F.)	72
Figura 4.2-28. Planta do rés-do-chão e 1º piso da Casa Judie Neto (Foto A.F.)	72
Figura 4.2-29. Teto em estuque da sala Jantar	73
Figura 4.2-30. Tetos em estuque.....	74
Figura 4.2-31. Canto do teto em estuque e papel de parede	74
Figura 4.2-32. Alfredo Alves Bentes (Foto de A.F.)	75
Figura 4.2-33. Fachada principal da Vila Formosa	76
Figura 4.2-34. Platibanda.....	78
Figura 4.2-35. Entrada principal.....	78
Figura 4.2-36. Teto em estuque da sala de visitas	79
Figura 4.2-37. Chão da Sala de visitas e dos retratos de família.....	80
Figura 4.2-38. Teto em estuque da sala dos retratos de família	81
Figura 4.2-39. Teto em estuque a imitar madeira da sala de jantar.....	81
Figura 4.2-40. Escadaria em madeira	82
Figura 4.2-41. Azulejo e Mosaico	83
Figura 4.2-42. Fachada principal e mirante da Vila Maria (Foto do A.B.M.P.F) 85	
Figura 4.2-43. Alçado principal e nascente (Arq. Sílvio Silva).....	86
Figura 4.2-44. Foto da fachada lateral nascente (A .B.M.P.F)	87
Figura 4.2-45. Teto em estuque pintado da sala da música (A. B.M.P.F)	88
Figura 4.2-46. Planta do rés-do-chão (Arq. Sílvio Silva).....	88
Figura 4.2-47. Escadaria e chão em madeira (A. B.M.P.F)	89
Figura 4.2-48. Planta 1º Andar (Arq. Sílvio Silva)	89
Figura 4.2-49. Planta das do1º piso e piso intermédio, Vila Maria da Escola Armando Gama (A M. P. F.)	90
Figura 4.2-50. Degradação da Vila Maria (Foto arq. Sílvio Silva)	91
Figura 4.2-51. Vila Maria - Reabilitada	92
Figura 4.2-52. Fachada nascente Reabilitada	92
Figura 4.2-53. Edifício da GNR Ruína (Foto A. B.M.P.F)	93

Figura 4.2-54. Edifício Guarda Nacional Republicana – Remodelada	94
Figura 4.2-55. Alçados e muro de vedação (A. M. P.F.)	96
Figura 4.2-56. Alçados e Cortes (A. M.P.F)	96
Figura 4.3-1. Vila Beleza	98
Figura 4.3-2. Grade de ferro forjado com as iniciais do proprietário e data	98
Figura 4.3-3. Cozinha	99
Figura 4.3-4. Casa de Adolfo Bentes in Ruin Arte Casa de Brasileiros de Frazão	99
Figura 4.3-5. Sala – Adolfo Bentes	100
Figura 4.5-1. Jardim Dr. Vasconcelos	102

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A.B.M.P.F.	Arquivo da Biblioteca Municipal de Paços de Ferreira
A. F.	Arquivo Familiar
A.M.P.F.	Arquivo Municipal de Paços de Ferreira
A.N.T.	Arquivo Nacional Torre do Tombo
B.P.F.	Biblioteca de Paços de Ferreira
C.P.F.	Câmara Municipal de Paços de ferreira
GNR	Guarda Nacional Republicana
PATRIUM	Associação de Defesa e Divulgação do Património
S.C.M.P.F	Santa Casa da Misericórdia de Paços de Ferreira

INTRODUÇÃO

A História assenta nas memórias do passado, tanto materiais como imateriais, que, por sua vez, são o testemunho dos antepassados. Como consequência, esta herança patrimonial desde sempre levou o Homem a acarinhar as suas “reliquias” familiares.

Para BALLART, o conceito de património emerge “*quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos identifica como seus um objecto ou um conjunto de objectos*”.¹ Desta forma, o património engloba os elementos que permanecem do passado identificando e testemunhando o modo de vida, a cultura e a civilização da sociedade, (...) *legado que, através de uma seleção consciente, um grupo significativo da população deseja legar ao futuro.*”²

Efetivamente, em Paços de Ferreira, encontramos testemunhos da nossa herança patrimonial desde a Pré-História com o Dólmen e a Citânia de Sanfins, passando pela Idade Média com o Mosteiro de São Pedro de Ferreira, pela Idade Moderna com igrejas paroquiais até à Idade Contemporânea, onde se destacam as “Casas de Brasileiros”. Este legado constitui uma verdadeira razão de orgulho e da identidade do Concelho.

André de Resende e Francisco D`Holanda, imbuídos pelo espírito europeu, demonstraram a sua preocupação em valorizar o nosso legado patrimonial em forma de documento.

Mas, só no reinado de D. João V, já no século XVIII, é que efetivamente surge uma lei que engloba a preocupação da preservação e conservação do património, no Alvará em Forma de LEY em 20 de agosto de 1721.

“daqui em diante nenhuma pessoa de qualquer estado, qualidade e condição que seja, [possa] desfazer ou destruir em todo nem em parte,

¹ BALLART, apud. ELSA -“*Peralta Património e Identidade, os desafios do Turismo Cultural*”. *Antroplogia* [em linha] Nº 4 (2000) p. 217-224. [consult.15/01/2019]. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/view>

² MOREIRA, Carla - “*O entendimento do Património no contexto local*”. *OPPIDUM: Revista de Arqueologia, História e Património: Lousada, Câmara Municipal de Lousada*, Nº1 (2006), p. 128.

qualquer edifício que mostre ser daqueles tempos ainda que em parte esteja arruinado e da mesma sorte as estátuas, mármores e cipos.”³

Desde então, o Património começou a ser valorizado como elemento preponderante da nossa identidade Nacional.

Com a presente investigação pretendemos demonstrar que o Concelho sofreu uma forte influência dos “brasileiros” em meados do século XIX e início do século XX. A sumptuosidade dos seus edifícios, transformou a paisagem, salpicando-a de cores e beleza. Como afirma Paula Peixoto, os brasileiros desempenharam um papel importante na nossa região Norte:

“O brasileiro foi uma figura incontornável que fez parte da nossa sociedade, sobretudo ambiente portuense e da paisagem rural das Beiras, Douro Litoral e Minho, na segunda metade do século XIX, constituindo um dos fenómenos sociais mais relevantes da História Contemporânea portuguesa.”⁴

Neste sentido, pretendemos identificar, localizar e analisar arquitetonicamente as características das “casas de brasileiros”. Nelas encontramos a nova visão arquitetónica da segunda metade do século XIX, a Arte Nova (ferro, vidro e azulejo) e Romantismo visível nos seus jardins. Conscientes das dificuldades, (alguns dos proprietários, de casa de “brasileiros” não residem no Concelho, o elevado estado de degradação de algumas propriedades) adivinha-se um trabalho árduo mas, tornar visível e reconhecido este valor patrimonial é o nosso objetivo fundamental, enriquecendo, assim, a história do norte de Portugal.

Em suma, é de salientar que este legado pode-se tornar numa referência do património arquitetónico nacional, tornando o Concelho, uma vez mais, num marco histórico tal como a Citânia de Sanfins o foi, e ainda é, uma referência das comunidades castrenses do nordeste peninsular.

3 Instituto Camões. Cultura Portuguesa Contemporânea Módulo do Património Bloco 3 [em linha]. Lisboa: Instituto Camões. Atual. s/d. [consult.25/02/2019]. Disponível em [cvc.instituto-camoes.pt > cpc2007 > patrimonio > bloco3 > bloco3>](http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco3/bloco3)

4 PEIXOTO, Paula Torres –*Palacetes de Brasileiros no Porto (1850-1930) do Estereótipo à realidade*. Porto: Afrontamento, 2013 p. 16

A Autarquia já demonstrou a sua preocupação em classificar este património ao mencioná-lo no Diário da República, de 5 de dezembro de 2007, II série⁵, como: Património não classificado.

Neste âmbito, pretendemos responder a estas preocupações locais sobre o património edificado, originando a curiosidade e dotando o Concelho de uma visão diferente sobre a nossa História.

⁵ Património Não Classificado anexo II. Diário da República, 2º Série- N. 234 de 5 de Dezembro de 2007 Disponível em http://www.cm-pacosdeferreira.pt/files/pdm_dr

METODOLOGIA

Para cumprir os objetivos da dissertação foi fundamental a complementaridade de uma base teórico/prática. A primeira assentou na investigação documental, a segunda no trabalho de campo.

A investigação documental foi realizada nos Arquivos Distritais e Municipais, no Arquivo Nacional Torre do Tombo, nos registos Paroquiais e nos Arquivos privados, Internet, Biblioteca Municipal Paços de Ferreira, Biblioteca Municipal do Porto, Biblioteca Municipal de Celorico, Biblioteca Municipal de Fafe e em Bibliotecas Universitárias.

Para realizar o trabalho de campo, procedeu-se à consulta dos registos notariais de propriedade, registos das finanças para obter a identificação de propriedades e proprietários. Relativamente às plantas dos edifícios consultámos os arquivos privados e os arquivos Municipais.

“É grande a importância dos métodos científicos aplicados ao estudo da investigação, ou seja, a de fornecerem indicadores, linhas-mestras de trabalho que possibilitem ao investigador guiar-se por entre noções básicas, numa primeira fase, de recolha de informação, numa segunda fase de seleção da mesma, posteriormente de redação e sistematização do trabalho a realizar, e, num último momento da sua conclusão e revisão.”⁶

Para a recolha de dados *in loco*, entrevistámos os proprietários das casas de brasileiros ou pessoas ligadas de algum modo à história do edifício, fotografámos, para posterior análise e classificação arquitetónica; analisámos os documentos oficiais e pessoais que nos foram facultados. Elaborámos uma ficha de observação para cada casa onde registamos todos os dados referentes aos aspetos arquitetónicos e bibliográficos. Nessa ficha, contemplámos os seguintes aspetos: primeiros proprietários e mudanças ao longo dos tempos, localização, tipo de edifício, estado conservação, história da construção, reconstruções feitas e utilização do edifício.

⁶ SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos – *Metodologia da Investigação, Redação e Apresentação de Trabalhos Científicos*. Porto: Civilização Editora. 2005, p.29

ESTADO DA ARTE

Nova arquitetura Civil oitocentista

A arquitetura portuguesa oitocentista, vivia um período indefinido, entre os valores tradicionais e o ecletismo presente na Europa. É neste contexto que surge a “casa do brasileiro” uma nova e tendência arquitetónica. Para a sua compreensão e análise, temos à nossa disposição um número restrito de obras.

Na abordagem dos conceitos socioeconómicos e antropológicos, será importante recorrer, em primeiro lugar, às obras de Jorge Alves “Os Brasileiros Emigrantes e Retorno no Porto Oitocentista”⁷ e “Migrantes e Emigrantes e Brasileiros”⁸ de Miguel Monteiro e “Os Brasileiros de torna-viagem no Noroeste de Portugal”⁹ de Eugénio Santos que mostram a influência dos torna-viagem na sociedade oitocentista.

O historiador Miguel Monteiro, um dos pioneiros na investigação da arquitetura da casa dos brasileiros, na sua obra “Fafe dos “Brasileiros” (1860-1930)”¹⁰, elabora a classificação das casas em três categorias no que se refere à sua funcionalidade: exclusivamente para a habitação, outras com a segunda funcionalidade de armazenamento dos produtos agrícolas e as terceiras residenciais e comerciais.

A sua investigação prosseguiu, e, no ano 2000, Miguel Monteiro publica a obra “Marcas da Arquitetura na paisagem do Minho”¹¹, que contradiz a teoria que

⁷ALVES, Jorge Fernando – *Os Brasileiros Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*: Gráficos Reunidos LDA, 1994.

⁸MONTEIRO, Miguel - “*Migrantes, Emigrantes e ‘Brasileiros’ (1834-1926) – Territórios, Itinerários e Trajectórias*”. Braga: Universidade do Minho, 1996.

⁹ SANTOS, Eugénio - *Brasileiros de Torna Viagem no Noroeste de Portugal in Os Brasileiros Torna-Viagem*. Lisboa. CNCDP - Portugal, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

¹⁰MONTEIRO, Miguel – *Fafe dos “Brasileiros” (1860-1930) Perspetivas Históricas e Patrimonial*. Fafe: Imprensa Nacional Casa da Moeda. EP, 1991.

¹¹MONTEIRO, Miguel - *Marcas da Arquitectura de Brasileiro na Paisagem do Minho in O Brasileiro de Torna-Viagem*. Lisboa. CNCDP. Portugal, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

as casas eram edificadas ao gosto do proprietário. Classifica as casas quanto à sua tipologia, verticais e horizontais e assinala os materiais utilizados.

No mesmo ano publica um artigo na revista *Camões* Nº 11 “Representações materiais do “Brasileiro” e construção simbólica do retorno”¹², referindo que a arquitetura do interior da casa do brasileiro é resultado do cosmopolitismo brasileiro e europeu, salientando que elementos decorativos das fachadas refletem a personalidade do proprietário.

No final de década de noventa, Artur Coimbra, na obra “Fafe a Terra e a Memória”¹³, retoma às características arquitetónicas das casas de brasileiros apresentadas por Miguel Monteiro, realça que o património dos torna-viagem marcou profundamente a arquitetura e o urbanismo sendo, por isso, hoje considerada “Fafe dos Brasileiros”¹⁴.

Em 2013, Paula Torres Peixoto no seu livro, *Palacetes de Brasileiros no Porto (1850-1930) do Estereótipo à Realidade*¹⁵, faz uma análise sociológica do conceito de brasileiro. No segundo capítulo, debruça-se sobre a arquitetura oitocentista, concluindo que vários fatores contribuíram para ausência de um estilo arquitetónico capaz de transmitir a identidade nacional. É neste contexto que os brasileiros apresentam as tendências ecléticas como novo estilo nacional. Por fim, reflete sobre a nova espacialidade do interior das habitações.

No ano 2015, o arquiteto Domingos Tavares na obra “Casas de brasileiros”¹⁶, debruçou-se sobre a casa dos brasileiros do início do século XX, verificou a uma arquitetura eclética tanto nos métodos como nos estilos,

¹² MONTEIRO, Miguel - *Representações Materiais do “Brasileiro” e Construção simbólica do Retorno. Pontes Lusa III Arquitetura Luso Brasileira* [em linha] Nº 11 (2000). [consultado 06/05/2019]. Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/revistas-e-periodicos/revista-camoes/revista-no11-pontes-lusofonas-iii>>.

¹³ COMBRA, Artur Ferreira - *Fafe a Terra e a Memória. Fafe*. Câmara Municipal de Fafe, 1997.

¹⁴ MONTEIRO, Miguel. *Fafe dos “Brasileiros”*...op. cit.

¹⁵ PEIXOTO, Paula Torres – *Palacetes de Brasileiros*....op. cit.

¹⁶ TAVARES, Domingos - *Casa de Brasileiros Equações de arquitetura*. Porto: Dafne Editora, 2015.

resultado da vivência dos seus proprietários, tornando-se preponderante para a compreensão da evolução arquitetónica Portuguesa.

No mesmo ano publica “Palacete Marques Gomes”¹⁷, onde alerta para a degradação patrimonial que influencia negativamente o meio envolvente.

Seguindo a mesma linha da preservação, Paula Peixoto, José Carlos Loureiro e Patrícia Santos, em 2017, publicam a obra “Conhecer para preservar. Casas de Brasileiros Norte e Centro de Portugal”¹⁸, concluindo que com a degradação deste património, “um pedaço” da história da arquitetura portuguesa desaparece.

Em 2018, a investigadora Alda Neto, publicou um artigo sobre “Casas de Brasileiros uma reflexão Crítica”¹⁹, realçando que a arquitetura e a gramática decorativa das casas de vilegiatura, onde conviviam com a burguesia das zonas balneares de Granja, Espinho, Arcachon, Bath e Brighton influenciaram, particularmente, as suas habitações. Salaria o enriquecimento da paisagem rural com a implantação das casas de brasileiros.

O património dos brasileiros tem despertado nos últimos anos o interesse dos investigadores, que vão aprofundando os aspetos da arquitetura oitocentista/brasileira nas várias vertentes (patrimonial, artística, social). Destacamos o contributo das dissertações de mestrado de Alexandra Filipa Fonseca, “A Arquitetura dos “Brasileiros” Casa José Florêncio Soares, Fafe”²⁰, de Alexandra Melo “A Arquitetura e seus Ambientes como Simbologia de Uma

¹⁷ TAVARES, Domingos - *Palacete Marques Gomes Equações de Arquitetura*. Porto: Dafne Editora, 2015.

¹⁸ LOUREIRO, José Carlos e PEIXOTO, Paula Torres e SANTOS, Patrícia Mota - *Conhecer para Preservar Casas de Brasileiros Norte e Centro de Portugal*. Porto: Afrontamento Edições, Lda. 2017

¹⁹ NETO, Alda - Casa de “Brasileiros””: *uma reflexão Crítica*. [em linha]. 2018

[Consulta 08/07/2019] Disponível em

[\(PDF\) CASAS DE "BRASILEIROS": UMA REFLEXÃO CRÍTICA](#)

²⁰ FONSECA, Alexandra Filipa Novais Moreira Fonseca-*Reabilitação do Património Edificado A Arquitetura dos “Brasileiros” Casa José Florêncio Soares, Fafe*. Porto. Faculdade de Arquitetura Universidade do Porto, 2016. Dissertação de Mestrado [Consult.22/04/2018] Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/87109>>

Herança Cultural Reabilitação da Casa “Summaville” - Fafe²¹, de Maria Amélia Paiva, “Portadas na arquitetura civil no concelho de Ponte de Lima: Estruturas, funções e significados²², e de Luís António Aguiar Dias, “Pelos Casas de “Brasileiros” um Roteiro com História.

Conscientes que a história dos brasileiros torna-viagem ainda permanece na penumbra, é urgente contribuir para a sua divulgação, pois, uma sociedade que não conhece a sua história, abandona o seu património, como afirmava Teófilo Braga “o abandono da tradição nacional na arte, o desprezo pelos monumentos, a separação lamentável entre os escritores e o povo.”²³

O nosso estudo versará sobre o património arquitetónico das casas de brasileiros de Paços de Ferreira. Um legado herdado do passado, que deve ser identificado, valorizado e preservado pois, é uma representação simbólica da identidade dos torna-viagem com valor de antiguidade, artístico e histórico que deve ser transmitido às para as gerações futuras. “através do património, o indivíduo retira um pedaço do passado, sob a forma de símbolos”.²⁴

²¹MELO, Alexandra Machado - *A Arquitetura e seus Ambientes como Simbologia de Uma Herança Cultural Reabilitação da Casa “Summaville”*. Fafe. Vila Nova de Famalicão. Universidade de Lusíada, 2016. Dissertação de Mestrado.

²² PAIVA, Maria Amélia Silva - *Portadas na arquitetura civil no concelho de Ponte de Lima: Estruturas, funções e significados*. Porto. Universidade do Porto, 2004. Dissertação de Mestrado [Consult.18/03/2018]. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/19454>.

²³ BRAGA apud SAMBRICIO, Paula André Carlos - *Arquitetura Popular Tradição e Vanguarda Tradicion y Vanguardí*. Lisboa. ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, 2016. p. 8

²⁴ MOREIRA, Carla - “O entendimento do Património no contexto local”. *OPPIDUM*. op. cit. p. 129.

CAPÍTULO 1

Emigração oitocentista

1.1 Emigração para o Brasil

Todo o ser humano tem sonhos e aspirações, mas, muitas vezes, para a sua realização pessoal tem de deixar a terra natal e partir.

“Emigrar significa ir ao encontro de aspirações construídas no confronto com o meio e representações sociais neles dominantes, apoiadas nos exemplos de figuras reais e próximas.”²⁵

A História universal está repleta de exemplos de movimentos migratórios, que modifica o local da partida e o local da chegada.

“A emigração, como fenómeno social, integra assim o movimento diacrónico da dinâmica histórica, económica e social e, conseqüentemente, o quadro do pensamento teórico contextualizante das representações interpretativas e decorrente do processo histórico, ideológico e político que a encerra”.²⁶

No estudo da História de Portugal, entre os vários acontecimentos nacionais que a compõem, está sempre presente o fenómeno migratório.

“A emigração revelou-se como um dos comportamentos mais marcantes da sociedade portuguesas ao longo de toda a sua vivência coletiva, designadamente a partir do século XVIII. Muitos a designam também como diáspora, (...). Emigrar tornou-se mesmo ao longo da Época Moderna e Contemporânea uma marca indelével da identidade de alguns povos, designadamente do noroeste da península ibérica, de tal modo que um autor contemporâneo chamou a essa região “a terra dos adeuses”, tão frequente e volumosas era o número de saída dos seus naturais”.²⁷

A História de Portugal está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento da América. No período colonial, a mão de obra do Brasil era, quase

²⁵ALVES, Jorge Fernandes - *Os Brasileiros Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*. op. cit. p163.

²⁶ MONTEIRO, Miguel- Miguel - *“Migrantes, Emigrantes e ‘Brasileiros’*. op. cit. p.21.

exclusivamente, a dos escravos vindos da África. Da Europa apenas emigravam quadros qualificados e um reduzido número de comerciantes e artesãos.

A situação alterou-se com a crise europeia.

“A longa depressão europeia de 1873-1895, desencadeada pela concorrência da agricultura dos EUA e a revolução nos transportes, associa o desembarque de trigo americano barato na Europa e o desembarque de camponeses europeus empobrecidos do outro lado do Atlântico”²⁷

Esta crise coincidiu com a abolição da escravatura que abriu as portas à entrada de mão de obra livre na América.

Então, os europeus iniciaram a emigração transatlântica para os vários países americanos. Os portugueses dos Açores escolheram, os EUA, os algarvios a Argentina e o restante país o Brasil.

Embora fosse um fenómeno transversal a todo o país, é nas regiões: “Aveiro norte e entre Douro e Minho”²⁸, que milhares de jovens deixaram a sua terra natal e rumaram até ao Brasil procurando melhores condições de vida pois, Portugal estava numa crise profunda (económica, política e social).

O Brasil era um país próspero, devido à sua estabilidade política e ao enorme “*êxito económico das exportações do café, do cacau ou da borracha, a que se aliavam outros comércios e a indústria nascente*”.²⁹

Na emigração para o Brasil havia dois movimentos social e economicamente distintos. Um ligado ao setor do mercado de trabalho como: o grande e pequeno comércio, construção civil, organização bancária esta emigração era privilegiada. O outro setor era de emigrantes angariados para

²⁷ SOUSA, Fernando; Martins, Isménia; Martins, Conceição, Coordenação – *A Emigração para o Brasil*. Porto. Edições Afrontamento, 2007 p. 42

²⁸ SANTOS, Eugénio - *Brasileiros de Torna Viagem no Noroeste de Portugal...* op. cit. p. 15.

²⁹ TAVARES, Domingos - *Palacete Marques Gomes ...*op. cit. p.10.

trabalharem nas fazendas rurais realizando serviços de “escravos” com baixos salários.

Uma vez na terra dos sonhos, os emigrantes (jovens) vão-se inculturando, dando e recebendo, assumindo uma “nova identidade”³⁰, mudando a sua forma de ser e de estar.

“...havia emigrado pobre para a antiga terra de Santa Cruz, lá adquirira hábitos de vida diversas daqueles que levava, enriquecera, regressava a Portugal rodeada de estrépito e curiosidade, exibia um vestuário exótico, ostentava adereços de ouro, pronunciava as palavras de modo adocicado, usando mesmo outras desconhecidas e estranhas, fumando, em geral, muito.”³¹

Nunca se apaga do coração e da mente do português a sua origem: família e terra natal, de tal modo, que a palavra “saudade” só existe na língua portuguesa.

O retorno à sua pátria estava sempre presente. Havia dois tipos de brasileiros.

“Estadias de curta duração (em torno dos três ou quatro anos) (...)traduzir-se em pequenas verbas de aforro, ainda que determinantes para a afirmação pessoal na compra, investimentos ou de desoneração de dívidas em pequenas unidades agrícolas, estabelecimentos comerciais ou oficinas. Mas estadias de uma ou de duas dezenas de anos no Brasil devolviam-nos “brasileiros” em plena idade ativa, em torno dos trinta anos, com uma formação profissional derivada de uma inserção profissional precoce (...) Uma vez reinstalados em Portugal, vamos encontrar “brasileiros” em tudo o que é atividade económica”.³²

³⁰ SANTOS, Eugénio- *Brasileiros de Torna Viagem no Noroeste de Portugal*. op.cit.16.

³¹ Idem, *Ibidem*, p 16.

³² ALVES, Jorge Fernandes - *Porto de Partida Porto de Chegada a Emigração Portuguesa, Perspectiva Histórica da Emigração Portuguesa*. Porto: 1ª edição, Âncora Editora, 2003, p 46,47

1.2 A Emigração em Paços de Ferreira do século XIX

Portugal, no século XIX, viveu um dos períodos mais conturbados da sua História.

A economia estava paralisada, a indústria obsoleta, a agricultura atrasada, a sociedade empobrecida e descontente com a situação do país. Aliada a toda esta situação, o Parlamento Liberal decidiu que o recrutamento militar seria obrigatório, mas, o povo não simpatizava com essa lei.

O Brasil, apresentava-se como solução para estes problemas. Então, os portugueses, concretamente as populações do Minho e do Douro Litoral, onde estava incluído um grande número de pacenses, lançaram-se à aventura

Já afirmava Ferreira de Castro, também ele emigrante” [...]

Alguns, porém, não se resignam facilmente. A terra em que nasceram e que lhes ensinaram a amar com grandes tropos patrióticos, com palavras farfalhantes, existe apenas, como o resto do Mundo, para fruição de uma minoria. E eles, mordidas almas por compreensíveis ambições, querem também viver, querem também usufruir regalias iguais às que desfrutam os homens privilegiados. E deslocam-se, e emigram, transitam de continente em continente, hemisfério em hemisfério, em busca do seu pão.”³³

Prosseguindo o nosso estudo, analisámos a monografia de Paços de Ferreira de 1986 onde encontrámos o seguinte registo da emigração no concelho: “*No total do Concelho (excluindo as populosas freguesias de Ferreira, Paços de Ferreira e Freamunde por falta de elementos) achavam-se fora, no ano de 1765, 128 homens e rapazes, distribuídos por diversas regiões, sendo 52 no Brasil*”³⁴

³³ CASTRO, Ferreira- *Emigrante- Obras de Ferreira de Castro*. Porto: Edição Lello & Irmão. 1979, p,5.

³⁴ LACERDA, Silvestre de Almeida - *Paços de Ferreira: Traços de História Contemporânea. In Estudos Monográficos*. vol. I, Paços de Ferreira: Gabinete de Informação Cultura. 1986, p 19.

Continuando a investigação sobre o assunto, verificámos que Jorge Fernando Alves no seu livro *Os Brasileiros Emigração e Retorno no Porto Oitocentista* apresenta o estudo sobre a emigração dos “naturais” do distrito do Porto no período 1836 a 1899 onde vemos a situação de Paços de Ferreira.

Quadro 5.10 - Emigração dos "naturais" do distrito do Porto

Concelhos	Períodos													
	1836	1840	1845	1850	1855	1860	1865	1870	1875	1889	1899			
	1839	1844	1849	1854	1859	1864	1869	1874	1879	-	-			
Amarante	76	254	284	563	787	572	371	645	407	189	68			
Baião	73	62	39	106	473	201	241	498	262	69	77			
Bouças	99	306	331	272	436	385	436	748	697	152	119			
Felgueiras	190	290	223	397	651	540	436	627	524	96	45			
Gondomar	123	234	390	604	885	656	702	1044	735	163	112			
Lousada	111	198	189	296	545	415	332	422	265	44	44			
Maia	252	297	332	401	542	305	320	669	520	107	71			
Marco C.	16	86	85	161	413	439	267	563	315	71	46			
Paços F.	27	122	76	199	398	336	223	381	280	67	24			
Paredes	53	133	244	363	715	698	393	654	464	94	66			
Penafiel	202	268	366	606	1204	757	516	933	622	126	78			
Porto	789	1089	845	1138	1990	1213	1301	1939	1110	195	232			
Póvoa V.	46	103	109	179	332	259	461	629	555	99	121			
S. Tirso	84	190	155	429	690	410	367	677	544	111	71			
Valongo	45	68	120	201	500	273	203	367	254	52	47			
Vila do C.	212	213	274	507	588	436	575	758	531	165	115			
V.N. Gaia	265	879	1262	831	1594	920	1223	2178	1463	226	184			
Indeter.	63	21	38	7	6	9	31	14	1	-	2			
Total	2726	4813	5362	7260	12749	8824	8398	13746	9549	2026	1522			

Figura 1.2-1 Emigração dos "naturais" do distrito do Porto. Retirado de ALVES J.F. *"Os Brasileiros Emigração e Retorno no Porto Oitocentista"* ³⁵

Analisámos o estudo e verificámos que a emigração pacense para o Brasil cresceu até à década de 70 com algumas oscilações. A partir daí houve uma acentuada diminuição.

De uma maneira geral, os emigrantes que partiam para o Brasil tinham sempre em mente o regresso à sua terra de origem, gostando de mostrar o seu sucesso aos seus conterrâneos com estrangeirismos linguísticos, a sua forma

³⁵ALVES, Jorge Fernando - *Os Brasileiros Emigração e Retorno No Porto Oitocentista...*op. cit. 234.

de vestir e exibindo o seu património. Muitos deles eram filantropos contribuindo para o desenvolvimento da sua terra investindo no património religioso, na assistência social criando hospitais, asilos e creches e no âmbito da educação edificando escolas.

No livro supracitado, também analisámos o quadro 6.4, com o título Informações sobre o retorno (1863-1873), segundo mapa inquérito Parlamentar. Concluimos que, neste período, dos 63 brasileiros de Paços de Ferreira que regressaram, 54 trouxeram alguma fortuna. Com ela construíram e edificaram património tanto para os próprios como para obras sociais.

Quadro 6.4 - Informações sobre o retorno (1863-73)
segundo mapas do Inquérito Parlamentar

Concelhos	Com alguma fortuna	Sem fortuna	Total	Valetudinários	Valet./total (%)	*Riqueza presumida
Amarante	38	27	65	10	15,4	500,0
Baião	17	6	23	4	17,4	48,5
Bouças	92	6	98	7	7,1	217,8
Felgueiras	9	15	24			34,7
Gondomar**	11	396	407	48	11,8	1554,0
Lousada	7	19	26	7	26,9	56,3
Maia	79	56	135	3	2,2	79,8
Marco	3	95	98	14	14,3	125,0
P. de Ferreira	54	9	63	5	7,9	422,2
Paredes	92	0	92	13	14,1	765,5
Penafiel	174	37	211	11	5,2	1473,7
P. de Varzim	87	0	87	17	19,5	1151,6
S. Tirso	48	12	60	20	33,3	560,2
Vila do Conde	66	16	82	3	3,7	1014,5
Total	777	694	1471	162	11,0	8003,8

*Total por concelho, em contos de réis
 **Para Gondomar, sobre os "sem fortuna", refere-se que "a maior parte dos repatriados regressou com capitais de 200\$000 a 1000\$000 rs."
 Fonte: A.G.C.P., Maços de correspondência recebida, M675-681

Figura 1.2-2. Informação sobre o retorno (1863-73). Retirado de ALVES J.F. "Os Brasileiros Emigração e Retorno no Porto Oitocentista"³⁶

³⁶ Ibidem, p 261.

CAPÍTULO 2

Influência dos brasileiros no Concelho de Paços de Ferreira

2.1 Origens do Concelho

As raízes das freguesias do concelho de Paços de Ferreira remontam às civilizações primitivas.

“Os inúmeros vestígios deixados pelas comunidades implantadas permitem-nos conhecer melhor a formação e a antiguidade destas terras e os poderes que sobre elas se foram exercendo através dos tempos.”³⁷

Assinalam a sua presença o Dolmem de Lamoso e a Citânia de Sanfins, como consta da ata nº 7 de 2014 da Assembleia Municipal:

“que no seu apogeu da Citânia de Sanfins tinha mais população que concelho de Paços de Ferreira. Só em Sanfins existia uma cidade Castreja com mais de 3000 habitantes, que, com a cidade dos romanos tornou-se uma cidadela”³⁸

Da idade Média, chegou até nós o valioso Mosteiro de São Pedro de Ferreira, incluído na rota do Românico, com características singulares.

“Este monumento constitui um caso único no românico português, ao ser precedido por um nártex cercado por um muro, um campanário de dois vãos e cimalha de duas águas. Esta estrutura corresponderia à anteigreja de função funerária.”³⁹

D. Manuel concedeu foral às Terras de Ferreira em 15-09-1514.

³⁷ CARVALHO, Joaquim Manuel Fernandes - *A Indústria do Mobiliário Escolar Em Paços de Ferreira O Caso da Fábrica Albino de Matos Pereiras & Barros, Lda*. Porto: Universidade do Porto.2004. Dissertação de Mestrado. p. 20

³⁸ *Sessão Extraordinária Assembleia Municipal: Ata da Assembleia realizada na Câmara Municipal, no dia cinco de Novembro do ano 2014*. Paços de Ferreira: [em linha]. [consulta]. 08/03/2019] disponível em< <https://www.cm-pacosdeferreira.pt/files/am0511>>

³⁹Junta de Freguesia de Paços de Ferreira - *Mosteiro de São Pedro de Ferreira* [em linha]. Paços de Ferreira. Atual. s/d. [Consulta 08/05/2019]. Disponível em <<https://www.jf-pacosdeferreira.pt/diretorio/mosteiro-de-sao-pedro-de-ferreira/>>

No século XVI, metade das freguesias que compõem o atual Concelho de Paços de Ferreira dispõem de assentos paroquiais.

*“O período de maior crescimento demográfico poderá situar-se entre 1626 e 1758, provavelmente, mais acentuado na primeira metade do século XVIII.”*⁴⁰

“A terra pertencia maioritariamente à Coroa, à igreja e aos nobres e os enfiteutas não possuíam dela mais que o domínio útil ao longo de várias gerações. Também havia quem cultivasse a terra que possuía a que podemos chamar propriedade alodial. Estes eram poucos, mas aparecem quatro ou cinco nas freguesias de Ferreira e Meixomil.”⁴¹

No século XIX, D. Maria II levou a cabo a reforma administrativa criando vários concelhos, entre os quais o Concelho de Paços de Ferreira, em 6 a novembro de 1836.

A maioria da população pacense era enfiteuta pois, alguns tinham mais do que um senhorio, tendo de lhes entregar o respetivo foro. Apenas o couto de Ferreira tinha como senhorio o Bispo do Porto.

(...) “ Teremos de concluir que um celeiro bem fornecido do qual, além das populações autóctones, beneficiariam os centros urbanos e lugares mais próximos tais como a cidade do Porto e as vilas de Guimarães e Amarante donde durante grande parte do ano vivia a porção apreciável de senhorios”⁴²

Podemos concluir que a grande maioria da população de Paços de Ferreira se dedicava à agricultura, e, conseqüentemente, vivia em fracas condições pois, tinham que trabalhar, grande parte do ano, para os Senhorios ficando muito pouco para sobreviver.

As armas de Paços de Ferreira simbolizam a terra e as suas gentes. O negro semeado de dezoito espigas de ouro com folhas verdes simboliza que o povo vive da terra e as espigas o que a natureza lhes dá. O negro significa

⁴⁰ PAÇOS DE FERREIRA, NÚMERO COMEMORATIVO DO 1º CENTENÁRIO DO CONCELHO P. 18

⁴¹ Idem, ibidem, 21.

⁴² Idem, ibidem, 22

ainda a firmeza e a honestidade deste povo. O ouro das espigas simboliza fidelidade e poder e o verde esperança e fé. A Cruz do Templo atesta que os Templários viveram nesta região.



Figura 2.1-1. Brasão de Paços de Ferreira⁴³

⁴³ Município de Paços de Ferreira- Pagina Inicial [em linha]. Paços de Ferreira. [Consultado 06/09/2019] Disponível Internet. <https://www.cm-pacosdeferreira.pt>

2.2 Localização do Concelho de Paços de Ferreira e seus limites

2.2.1. Paços de Ferreira nos séculos XVIII e XIX

Este concelho possui uma área aproximada de setenta e um quilómetros quadrados. Faz parte do Douro Litoral, integrando a região do Vale do Sousa. Pertence ao distrito e diocese do Porto e é composto por 12 freguesias. O Município é limitado a leste pelo Município de Lousada, a sul por Paredes, a sudoeste por Valongo e a oeste e norte por Santo Tirso. O Concelho de Paços de Ferreira, está localizado num planalto de aproximadamente 400 m altitude, conhecido por "Chã de Ferreira ". Se quisermos admirar umas paisagens deslumbrantes, subimos até ao alto da Citânia ou ao Monte do Pilar, para avistar o mar e a serra do Marão.

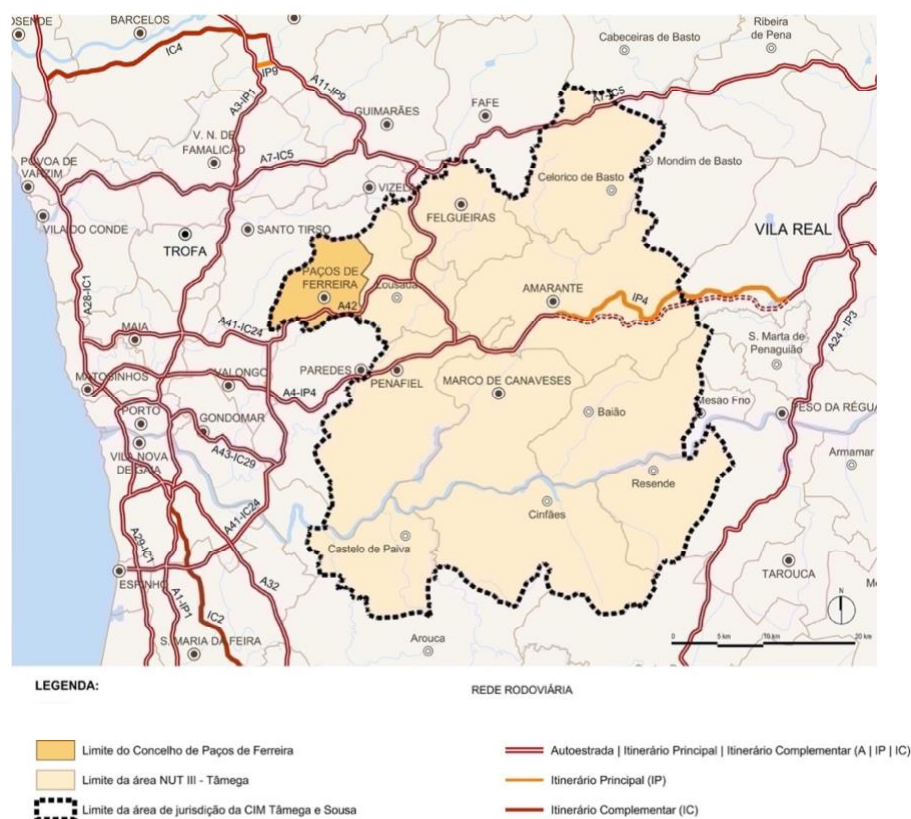


Figura 2.2-1. Localização de Paços de Ferreira no Mapa

⁴⁴ PAÇOS DE FERREIRA- Aquisição de serviços para a elaboração do Plano de Ação para a Regeneração Urbana (PARU) com vista à preparação de Candidatura ao programa Regional do Norte 2020. Relatório: Proposta de delimitação da área de reabilitação Urbana. PR-02687/ Junho 2016

2.2.2. Influência da emigração no património edificado

O retorno dos emigrantes do Brasil foi preponderante para a transformação do Minho e do Douro Litoral. Investiram o capital angariado tanto no campo como na cidade, tornando-se os novos “burgueses” da sociedade, como relata Júlio Dinis no seu romance “Uma Família Inglesa:”

“Predominam neste umas enormes moles graníticas, a que chamam palacete; o portal largo, as paredes de azulejos-azul, verde ou amarelo, liso ou de relevo o telhado de beiral azul; as varandas de azuis e douradas; os jardins (...); portões de ferro com o nome do proprietário e a era da edificação também em letras douradas; abunda a casa com janelas góticas e portas retangulares, e de janelas retangulares e portas góticas, algumas com ameias e o mirante chinês.”⁴⁵

O regresso dos emigrantes ricos do Brasil, na segunda metade século XIX, deve-se às memórias que os nossos concidadãos tinham da sua terra e à sua identificação com a região. A sua influência foi muito importante pois, querendo deixar a sua “marca” salpicaram o concelho de confortáveis palacetes pintados a “ouro e verde ou guarnecidos de azulejos amarelos com as lizentes e faiscantes bolas de vidro em clarabóias em zimbório “⁴⁶

Todas as freguesias apresentam exemplares de casas de brasileiros, umas construídas de raiz, outras que beneficiaram de obras de reconstrução. No entanto, a freguesia de Raimonda era considerada, localmente como a “terra do dinheiro”, devendo-se ao facto de haver concentração de capital brasileiro. Estes emigrantes de sucesso edificaram os suas casas e contribuíram para o desenvolvimento das suas terras.

⁴⁵ DINIZ, Júlio - *Uma família Inglesa*. Lisboa: Editores Associados. p 51.

⁴⁶ VIEIRA, José Augusto - *Minho Pittoresco*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira- Editor. 1885. p 334.

CAPÍTULO 3

Análise das casas estudadas

3.1 Localização das Casa de Brasileiros no Concelho de Paços de Ferreira

Paços de Ferreira é um dos concelhos de ponto de partida e chegada de emigrantes portugueses para Brasil nas primeiras décadas do século XIX e início do século XX. Este acontecimento transformou a região, tanto culturalmente como arquitetonicamente. Como afirma Santos,

*“Quase todas as aldeias do noroeste português abrigaram benfeitorias introduzidas por algum brasileiro. Por isso a sua figura se tornou “mítica”, prestando-se às mais variadas abordagens.”*⁴⁷

Os torna-viagem contribuíram para o desenvolvimento do Concelho, o seu papel não se ficou só pela filantropia, a paisagem ficou matizada pelas cores das suas casas.

*“Dinheiro – era muito- era que esses homens exibiam, comprando propriedades, fundando ou engrossando os capitais dos bancos e seguradoras, construindo casas cheias de azulejos, com paredes e colunas de cores berrantes.”*⁴⁸

As suas edificações de grandes dimensões com recurso a uma arquitetura vanguardista, transformaram definitivamente o concelho.

*“...e aí estão as vilas e palacetes espalhados por cidades e aldeias, por vezes ruínas de forte presença, a lembrar histórias de um passado ainda recente.”*⁴⁹

Apresentámos o mapa do concelho onde estão assinaladas as freguesias com presença mais visível dos torna-viagem.

⁴⁷SANTOS Eugénio - *Brasileiros de Torna Viagem no Noroeste de Portugal...*op.cit.p17.

⁴⁸ Idem, ibidem. p 18.

⁴⁹ PEIXOTO, Paula Torres - *Palacetes de Brasileiros no Porto (1850-1930)*...op. cit.

Concelho de Paços de Ferreira



50

Figura 3.1-1. Mapa das Freguesias do Concelho de Paços de Ferreira.

Legenda: * Freguesias que possuem Casas de Brasileiros com as características originais; + Freguesias que possuem Casas de Brasileiros Modificadas; # Freguesias que possuem casas de Brasileiros degradadas

Analisando o mapa 3, podemos verificar que o Concelho de Paços de Ferreira beneficiou da presença dos brasileiros, torna-viagem que o transformaram, como afirmava José Augusto Vieira no seu livro “O Minho Pittoresco”,

“Não se caracteriza por um cunho especial o concelho de Paços de Ferreira, a não ser que pensemos em considerar como tal a presença do brasileiro, cujo o capital tem dentro de poucos anos transfigurado esta fertilíssima zona agrícola.”⁵¹

⁵⁰ LACERDA, Silvestre de Almeida - *Paços de Ferreira: Traços de História Contemporânea*. In *Estudos Monográficos, vol. .II*, Paços de Ferreira, Gabinete de Informação e Cultura, 1986, pp. 85.

⁵¹ VEIRA, José Augusto- *O Minho Pittoresco...*op. cit. p.348.

O legado deixado pelos torna-viagem, marcou definitivamente Portugal e, em especial, a região e concelho pacense.

Pelo que investigamos, não encontramos referência a este património do Douro Litoral, portanto, é urgente acordar para esta realidade esquecida.

Apresentámos alguns exemplares desta parte da História do concelho.

3.2 Implantação / arquitetura das casas

O brasileiro, o novo burguês endinheirado, foi um dos agentes de difusão cultural do século XIX.

“...muitos elementos que se encontram simultaneamente em Portugal e no Brasil, não são possivelmente formas portuguesas que forma levadas para uma terra de povoação mais recente, mas pelo contrário, produtos elaborados nesse país de tão ricos contactos e relações de culturas, e trazidos para Portugal pelo veículo do emigrante de retorno, que se desejo de ostentação, repete na sua terra aquilo que aprendeu onde se fez grande”.⁵²

Pela investigação realizada não encontramos um estilo arquitetónico característico definido da casa de brasileiro, mas, uma conjugação de vários estilos (Neoclássico, Neogótico, Beaux-arts e Art Nouveau...)

Cada brasileiro mandava construir a sua casa segundo a sua capacidade económica e o seu gosto pessoal: Palacetes, Casa Apalaçada, Chalets, Vila. “Vila dos “torna-viagem” enquanto marcação de diferença que as deseja entender como luxuosas casas de campo”⁵³

Segundo afirma Jorge Alves:

“...é difícil falar de uma “casa do brasileiro”, se abstrairmos de alguns elementos decorativos, nomeadamente a predominância das cores verdes e amarela e do

⁵² OLIVEIRA, Ernesto veiga e GALHANO Fernando - *Casas Esguias do Porto e sobrados do Recife*. Recife: Pool Editorial S/A.1986, p. 28

⁵³ TAVARES, Domingos - *Palacete Marques Gomes...* op. cit.p.97.

*frondoso jardim. Se um ou outro edifício nos surge mais exótico, a maioria eram indistintas, correspondendo aos gostos da época...*⁵⁴

No estudo que realizámos, constatámos que os brasileiros implantavam as suas casas em terrenos de grandes dimensões, escolhendo locais estratégicos, do ponto de vista da orientação solar, da visibilidade e acessibilidades como: estradas nacionais, camarárias e cruzamentos.

Há três edifícios (Casa do Padrão, Casa da Judite e Vila Beleza) com uma das fachadas contígua à rua e as outras afastadas da via de circulação por um lindo jardim, separado por uma vedação com embasamento de cantaria e rebocado, onde se apoia um gradeamento de ferro forjado. Os outros edifícios estão implantados no meio de jardins e logradouros separados da rua por muros, alguns dos quais, no alinhamento da frente, têm mirantes “*que são outro dispositivo a que se recorreu para se estar próximo do exterior, salvaguardando a posição de quem observa.*”⁵⁵ As entradas para estas casas fazem-se por magníficos portões de ferro forjado permeáveis que ficam na direção da porta principal, alguns deles exibem a data da construção e as iniciais do proprietário como podemos verificar no da Dr. Vasconcelos, GNR e Vila Formosa.

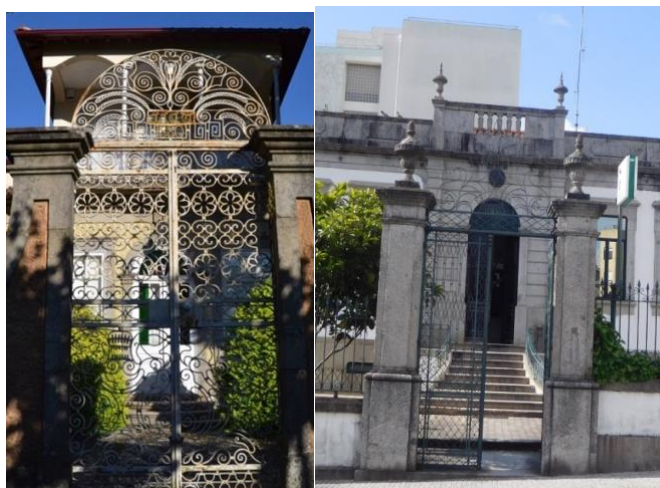


Figura 3.2-1. Portão principal da Casa Dr. Vasconcelos e GNR

⁵⁴ ALVES, Jorge Fernandes - *Os Brasileiros Emigração e Retorno*.op.cit.pp311 e 312

⁵⁵ PEIXOTO, Paula Torres – *Palacetes de Brasileiros ...op. cit. p201.*



Figura 3.2-2. Portão Principal da Vila Formosa

Os edifícios que fazem parte da nossa investigação enquadram-se na segunda metade de oitocentos (1871/1915), época de indefinição da arquitetura portuguesa.

“Na segunda metade de Oitocentos, predomina como critério de formalização destas residências a evidência com que se colocavam no terreno pelo recurso à grande dimensão, mas seguindo as práticas construtivas dominantes nas próprias localidades”.⁵⁶

No trabalho de campo realizado não encontrámos referência a projetos arquitetónicos tanto no Arquivo Municipal como no privado, com a exceção da Casa da D. Judite Neto da qual temos a planta fornecida pelo proprietário. Através das informações recolhidas, os brasileiros foram os desenhadores/ arquitetos das suas casas.

“modificações dos padrões de gosto expresso nas conceções modernizantes da vanguarda artística portuguesa...Mas sempre foi grande a disponibilidade mental destes novos ricos para a ruptura, aceitando a importação do internacional como factor diferenciador e testemunha de êxito”⁵⁷.

A obra era entregue a construtores (mestre de obras), supervisionada pelo próprio ou por familiares.

⁵⁶ TAVARES, Domingos – *Casas de Brasileiros...* op. cit. p p.11.

⁵⁷ Ibidem. p.12

“...entregues a construtores locais. sob a supervisão de um familiar ou amigo, com o dinheiro suficiente para permitir algum arrojo e inovação de materiais, de acordo com os estilos dominantes ou vivências do artista construtor.”⁵⁸

As suas vivências transatlânticas puseram-nos em contacto com novas culturas e formas de edificar. No estudo realizado, deparámo-nos com o exemplo de Brás Nogueira, primeiro proprietário da Casa Dr. Jaime Barros, que esteve na fundação do teatro de Manaus e tinha relações comerciais com ingleses⁵⁹.

Esta classe de novos burgueses inspirou-se no ecletismo num jogo livre de revivalismo neoclássico, romântico, neogótico, apontamentos de barroco, arte nova e *Beaux-Art*, para a construção de suas casas.

Seguindo esta corrente, os brasileiros pacenses edificaram as suas casas de forma paralelepípedica de volumetria considerável. A exuberância das fachadas, pretendia mostrar o seu elevado estatuto social.

“... a monumentalidade da casa é conseguida por amplas fachadas por uns tantos recursos como a utilização de pilastras e ou colunas que dividem as fachadas em secções, articulam os andares, e enobrecem a casa e ainda pela existência de numerosas portas e janelas.”⁶⁰

Todas as fachadas apresentam janelas amplas e simétricas, contornadas com pilastras em cantaria, umas são janelas de peitoril, mas, em todos os andares nobres aparecem janelas de sacada. Destacam-se os vitrais das bandeiras das janelas e portas da Casa do Padrão e da porta principal da Casa Dr. Vasconcelos,

⁵⁸ ALVES, Jorge Fernandes- *Os Brasileiros Emigração e Retorno no Porto ...* op.cit.p.311 e 312

⁵⁹ Testemunho do atual proprietário, bisneto de Brás Nogueira: “Consta que terá estado na fundação do Teatro de Manaus. Os contactos comerciais, muito em especial com ingleses, deram-lhe uma vivência que contrastava totalmente da ruralidade com que partira de Meixomil”.

⁶⁰ PEIXOTO, Paula – *Palacetes de Brasileiros no Porto...*op. cit.p.199.

É de realçar a grande varanda do piso superior da Vila Formosa, apoiada em colunas de ferro forjado trabalhado.

Na Vila Formosa e na GNR, destaca-se o corpo central, outra das características apontada por Paula Peixoto:

”outra característica frequente é a presença de um corpo central bem evidente, onde se insere a entrada principal, formando, por vezes, um destacado conjunto com frontão, ora coroando a porta de entrada, ora rematando o edifício apresentando refinada decoração e onde se insere e quando o orgulho o dita, o brasão de armas da família.⁶¹

Nalguns exemplares estudados “o beiral da rua é recolhido por trás de platibandas trabalhadas,⁶². A da GNR é interrompida por balaústres no vão central. A da Vila Formosa no corpo central é trabalhado e apresenta um frontão com as iniciais do proprietário, nas laterais há um friso de numa moldura de granito com ornatos em forma de vaso nas extremidades. Na da Vila Maria, deparámo-nos com um frontão onde observámos inscrição do nome da Casa e da data no corpo central e nos laterais uma moldura, a separação dos corpos é feita por pilastras que terminam com ornatos. Na casa Dr. Jaime Barros encontrámos o monograma do proprietário no centro e ornatos decorativos nas extremidades.

O acesso à porta principal, como já foi referido anteriormente, na maior parte das casas estudadas é feito através de uma escadaria exterior de granito com grades de ferro forjado trabalhado e com uma grade de balaustrada de granito na Vila Maria. Na Casa do Padrão, Dr. Jaime Barros e Vila Beleza, a porta principal é no rés -do -chão. É de salientar a altura da porta principal da casa Vila Beleza, pois, é rasgada desde o rés -do -chão até à altura das janelas do 1º piso onde se encontra a bandeira em ferro forjado trabalhado com as iniciais do proprietário e a data da construção.

⁶¹ Ibidem. p199.

⁶² TAVARES, Domingos –*Casa de Brasileiros...*op.cit.p102.

As casas são rebocadas ou revestidas de azulejo, com “*pilastras de pedra, verticais, a toda a altura do edifício*”.⁶³ Na Casa do Padrão, a fachada principal e fachada Nascente são revestidas de azulejos lisos azuis com motivos florais. A casa do Dr. Vasconcelos é revestida de azulejos amarelos com relevo, e um friso de azulejos coloridos na parte inferior mais próxima do solo. A Vila Maria tem a fachada principal com azulejos “retangulares facetados, num vidrado”⁶⁴ vermelho grená e verde e apontamentos de arte nova. Os azulejos da Vila Beleza são lisos com motivos florais. Citando Domingos Tavares utilizavam os azulejos: “*como revestimentos duráveis como azulejos vidrados, capazes de oferecer à superfície das paredes uma imagem de cor e brilho.*”⁶⁵

3.3 Interiores das casas

Se o exterior da casa do brasileiro exprime as concepções arquitetónicas da época, os seus interiores consolidam-nas mostrando a nova forma de viver destes homens endinheirados que vivenciaram outras culturas.

Entrar no interior de uma casa de brasileiro, é entrar no mundo da burguesia oitocentista que programava os espaços segundo a nova maneira de ser e de estar.

*“A organização espacial revela a nítida vontade em diferenciar zonas de serviço, zonas privadas ou íntimas e zonas públicas ou de representação social, traduzindo o duplo desejo de preservar a intimidade e simultaneamente por em prática os costumes e rituais de sociabilidade, componentes indispensáveis à legitimação do estatuto social.”*⁶⁶

⁶³ MONTEIRO, Miguel - “*Marcas da Arquitectura de Brasileiro*. op. cit. 12.

⁶⁴ TAVARES, Domingos - *Palacete Marques...* op. cit.p.173.

⁶⁵ Ibidem. p103.

⁶⁶ PEIXOTO, Paula Torres- *Palacete de Brasileiros no Porto*. op. cit. p 227.

Em todas as casas que estudámos, a zona de serviço (cozinha) ou ficava numa dos topos como na Casa do Padrão ou num corpo justaposto ao principal nos restantes casos analisados.

Na Casa do Padrão, na do Dr. Vasconcelos e na da Judite é no andar nobre que um corredor faz a distribuição das três zonas que aí coabitam.

Nas restantes casas, as zonas de serviço e social ficam no rés-do-chão do qual se circula para a zona íntima, no primeiro, piso através de uma imponente escadaria com corrimão assente numa balaustrada trabalhada de madeira.

Os brasileiros tinham uma grande preocupação com o conforto e cuidados de higiene, por isso, introduziram nas suas casas água canalizada, aquecimento e iluminação. Todas as casas estudadas têm casa de banho localizada numa das extremidades. É de salientar a casa de banho completa da casa do Dr. Jaime Barros com a sua banheira colonial e um lavatório fixo arte nova junto à sala de jantar na casa do Dr. Vasconcelos. Os torna-viagem “tiveram o mérito de difundir os avanços tecnológicos e os novos conceitos higienistas”⁶⁷.

No estudo que levámos a cabo, *“encontrámos uma enorme riqueza decorativa, traduzida por uma panóplia de variadíssimos materiais, destacando-se o estuque decorativo, desconhecido no Porto até ao século XVIII”*⁶⁸.

Merecem especial atenção os estuques românticos das salas das casas do Dr. Vasconcelos, da Vila Formosa, Vila Maria e Dr. Jaime Barros *“A atração pelo luxo era facilitada por toda uma série de recursos onde se incluíam imitações que proporcionassem o último grito da moda”*.⁶⁹

Atraídos pelo luxo recorriam a todos recursos mesmo que fosse necessário imitar tudo o que fosse a última moda. Foi o que aconteceu com a escaiola tanto para imitar o mármore, tão em voga nas classes possidentes, como para similar a madeira. Temos belos exemplares nas Casas do Padrão, Dr. Jaime, Vila Formosa e Dr. Vasconcelos. Para forrar as paredes, além da escaiola, também era frequente a utilização de papel que, normalmente, imitava tecidos como

⁶⁷ Ibidem. p 243.

⁶⁸ Ibidem. p 234.

⁶⁹Ibidem. p.236.

damasco ou sedas. Existem belíssimos exemplares nas habitações que estudámos.

Também faziam parte da decoração as portas interiores que são de madeira com almofadas, algumas delas pintadas, umas com bandeiras em vitral e outras com puxadores em marfim.

Citando Paula Peixoto:

“Através da grande variedade de pavimentos percebemos, outros sim, que homogeneidade não era atributo da época, inspirando-se alguns, certamente, em catálogos e livros vindos de fora”⁷⁰.

Nos edifícios dos brasileiros de Paços de Ferreira não encontramos homogeneidade nos pavimentos utilizados, uns são tabuado corrido de madeira e outros em marchetaria. Estes últimos encontram-se a decorar os pavimentos das salas e corredor da Vila Formosa. As zonas de serviço eram pavimentadas com mosaicos, alguns deles com cores a lembrar o Brasil. Os halls de entrada das casas Vila Maria e Dr. Jaime Barros são cobertos de belos mosaicos sendo os da última de inspiração mourisca.

A grande preocupação destes burgueses era o bem-estar luxuoso que se expressava também no mobiliário, na decoração, nos cortinados, nas carpetes, nos tapetes... *“Os móveis e os têxteis eram elementos essenciais para uma sociedade para quem os espaços vazios traduziam insegurança e eram sinónimo de pobreza”⁷¹.*

Pela investigação realizada, podemos afirmar que Paços de Ferreira é uma terra, onde está presente a influência dos brasileiros, com as suas exuberantes e ecléticas *“construções onde os preceitos estéticos em moda deram as mãos ao conforto, à privacidade e sociabilidade”*.⁷²

⁷⁰ Ibidem. p 240.

⁷¹ Ibidem. p 237

⁷² Ibidem. p. 243

CAPÍTULO 4

Casas de Brasileiros (Torna-Viagem)

4.1 Casa de Brasileiros

Os brasileiros, depois de algumas décadas de trabalho no Brasil, vieram enriquecer a sua Pátria com a criação de postos de trabalho em várias áreas, a edificação de escolas, hospitais e outras doações a favor das suas terras e a edificação do seu património. “A eles se devem muitos palacetes e casas de brasileiros, que marcaram a paisagem rural e urbana e constituem o nosso património hodierno.”⁷³

Nas suas construções, introduziram novos elementos arquitetónicos e artísticos (observados e vividos na diáspora). “*As suas casas, espelho de novos ideários, contribuíram para o enriquecimento e revitalização do património arquitetónico português.*”⁷⁴

A casa de brasileiro não tinha um estilo, mas uma linguagem decorativa com o objetivo de mostrar o seu poder económico.

A arquitetura das casas de brasileiro tinha em comum o exotismo com gosto tropical. Eram rebocadas ou cobertas de azulejo com varandas estreitas e grades de ferro forjado ou fundido. Encontram-se beirais em faiança, platibandas decoradas e claraboias.

O seu interior era enriquecido com madeira exótica (pau cetim, sucupira, pau preto), azulejos, mosaicos e tetos temáticos em estuque. Geralmente, possuíam uma grande escadaria interior em madeira, portas e janelas com bandeiras e vitrais coloridos.

⁷³ SANTOS, Eugénio - *Brasileiros de Torna Viagem no Noroeste de Portugal...* op. cit. p.25.

⁷⁴ ARMINJON apud PEIXOTO, Paula Torres – *Palacetes de Brasileiros no Porto...* op. cit. 26.

O seu mobiliário era rico e ornamentavam as casas com cristais, pinturas algumas delas Naif.

Geralmente, afastavam as suas casas da frente da rua com jardins geometricamente desenhados com murta, estando, quase sempre presentes, as palmeiras, as plantas exóticas e os lagos. Estes espaços, delimitados por muros com grades de ferro forjado, tinham no seu alinhamento os mirantes que eram uma forma de salvaguardar a sua privacidade.

Os brasileiros regressados à sua pátria abraçaram as mais variadas atividades económicas e construíram as suas casas de raiz ou reabilitaram outras mas, tendo sempre presente as condições de higiene, valorizando, para tal, a iluminação, o aquecimento e a canalização de água.

(..)mais do que difundir estilos em torno dos quais se criou também um estereótipo na obsessiva referência à “casa do brasileiro”, quando na realidade o “brasileiro” faz construir casas com novas funcionalidades e, normalmente, deixa os pormenores arquitetónicos a construtores e desenhadores locais, salvo um outro elemento simbólico a mostrar o seu apego ao Brasil.⁷⁵

Nas suas casas utilizavam os materiais provenientes das novas indústrias como: o vidro, a cerâmica e o ferro e, por isso, ficaram a chamar-se casa do brasileiro, pois era o único que tinha capacidade financeira para o fazer e, raramente o fazia por razões estéticas.

O emigrante rico brasileiro construía a sua casa em terrenos de grande dimensão para que ficasse em evidência em relação às demais.

Passou a ser frequente a utilização complementar de elementos especiais de evidenciação da imagem exterior, com a montagem de varandas nos andares mais altos, platibandas de balaústres com escultura cerâmica nos remates, revestimentos de azulejo e outros artifícios de diferenciação.⁷⁶

⁷⁵ ALVES, Jorge Fernandes. *Porto de Partida, Porto de Chegada A Emigração Portugal...op. cit.* p 47,48

⁷⁶ MONTEIRO, Miguel. *Marcas Arquitectónicas do Brasileiro na Paisagem do Minho... op. cit.* 71.

No Concelho de Paços de Ferreira sobressaem as casas de brasileiros do tipo apalaçadas tendo três o nome de “Vila”: Vila Formosa e Vila Beleza na vila de Frazão e a Vila Maria na cidade de Paços de Ferreira.

*"normalmente designadas pelos proprietários pelo nome de "Vila" a que acrescentava o nome da sua própria mulher, a casa apalaçada, não sendo um palácio na estrutura clássica é larga e ampla e com forte sentido individualizante, construída nos limites das cidades, dentro das vilas e no espaço rural"*⁷⁷.

No seu regresso, o brasileiro construía uma casa, cuja expressão arquitetónica evidenciava sinais da arquitetura urbana, com elementos decorativos desconhecidos na paisagem rural, e de um exotismo expresso nas cores de gosto tropical, que, por vezes, raiava o mau gosto, como ironiza Camilo Castelo Branco:

*"(...)onde mandaria edificar um palacete de azulejo cor de gema de ovo, com terraço no teto para quatro estátuas simbólicas das estações do ano, e dois cães de bronze, em baixo, sobre as ombreiras do portão de ferro, com as armas fundidas, de saliências arrogantes, entre os dois molossos de dentaduras anavahadas, minazes, como todos os bichos da heráldica."*⁷⁸

No entanto, se o brasileiro e as suas representações eram menosprezados no seu tempo, sobretudo pela burguesia urbana, hoje, a atitude é diferente:

*"A casa do brasileiro pode ser vista em várias perspectivas: uma intrínseca, que lhe dá sentido histórico; outra, mais sociológica, que decorre da diferença das significações atribuídas pelos proprietários e, finalmente, a que é construída pelos que lhe são exteriores, sendo, por isso, explicada diferenciadamente pelos vizinhos que sempre a legitimaram, e pelos escritores urbanizados que a criticaram."*⁷⁹

⁷⁷ Ibidem p.73

⁷⁸ CASTELO, Camilo Branco - *Eusébio Macário, História natural social do tempo de Cabrais*. São Paulo: Publicado originalmente em 1879” projeto Livro Livre” Livro 427 Poeteiro Editor digital, 2014

⁷⁹ MONTEIRO, Miguel - *Marcas Arquitectónicas do Brasileiro na Paisagem do Minho...*op. cit.p.7.

Com efeito, os brasileiros têm merecido a atenção dos historiadores e dos sociólogos, há já algumas décadas, e, estes investigadores não deixam de enaltecer os seus contributos positivos para a sociedade portuguesa. Não nos podemos esquecer que muitos eram possuidores de um espírito filantrópico que os levava à construção de edificações cívicas, como hospitais, asilos, escolas, igrejas, passeios públicos e teatros, tornando-se assim alvos preferenciais do historiador da Arte.

Segundo Jorge Fernandes Alves,

*"Uma das imagens mais marcantes na biografia dos brasileiros é a sua tendência para a filantropia. Podemos afirmar que grande parte do equipamento de solidariedade social do século passado no Norte de Portugal foi activado, incentivado ou mesmo sustentado pelos ex-emigrantes, que, enquanto vivos e na hora da morte, mostravam uma atenção ao seu semelhante pouco compatível com a imagem de avaréza que normalmente envolve o capitalista."*⁸⁰

Ao regressarem à sua terra natal, os brasileiros do concelho, tal como os do restante país, deixaram as suas marcas desde a filantropia às suas vistosas casas.

Como filantropos, preocuparam-se com a educação, os idosos, a cultura e o desenvolvimento económico. Estes nossos concidadãos merecem a atenção pelo contributo que deram à nossa sociedade.

Na freguesia de Raimonda, Manuel Joaquim Ferreira mandou edificar a torre da igreja em 1875 e "o donativo de Maria Luiz, no valor 45.000 réis, atribuído para a obra da tribuna da capela de Santo Amaro"⁸¹.

Manoel Alves Carneiro pela sua capacidade económica e disponibilidade, ocupou o lugar de vereador da Câmara Municipal Paços de Ferreira. Interessou-se pela economia, criando a feira do C6 e de Freamunde, que ainda hoje est6o

⁸⁰ ALVES, Jorge Fernandes - *Os Brasileiros Emigração e Retorno no Porto... op. cit.p.315.*

⁸¹ CARDONA, Paula Cristina Machado - *Patrim6nio Artístico da Igreja Paroquial da Raimonda...*op. cit. p18.

vivas quinzenalmente. Participou, ativamente, na vida da paróquia e mandou vedar o adro da igreja matriz, com um muro e grades de ferro fundido.

A 1 de Março de 1936, a Direcção da Misericórdia recebeu e aceitou um donativo de 40.000\$00, oferecido por D. Maria Caminha Barbosa, em memória de seu marido, e destinado à construção de um asilo para idosos.”⁸²

⁸² SC Diocese do Porto. *Apostola da caridade Leiga e itinerante A serva de Deus Silva Cardoso*: Silviacardoso.diocese-porto.pt [em linha]. Porto: Diocese do Porto [consult.06-05-2019]. Disponível internet [actividade sócio-caritativa e evangelizadora de Sílvia Cardoso na .../consulta](#)

4.2 Análise dos Casos em estudo

4.2.1. Casa do Padrão



Figura 4.2-1. Foto de Manoel Alves Carneiro (Foto A.F.)

4.2.1.1. Contexto biográfico

Manoel Alves Carneiro nasceu na freguesia de Penamaior no Concelho de Paços de Ferreira a 24 de junho de 1828, filho de Manoel Alves e de Maria da Custódia Carneiro.

Apercebendo-se da dificuldade de realização pessoal no seu País, partiu para a Baía no Brasil aos dezoito anos, a 28 de outubro de 1846, a bordo da barca Porto. Mal lá chegou, empregou-se num armazém de drogas pertencente a João Rodrigues Germano. Passado algum tempo, mudou para a firma do mesmo género Lima, Irmão e C.^a Em 1858, iniciou o seu próprio negócio na Rua dos Droguista, nº 47, com a firma Borges & Carneiro e, volvido algum tempo, foi substituído por uma firma individual com o nome de Manoel Alves Carneiro. Como podemos constatar, este emigrante trabalhou doze anos por conta de outrem e catorze por conta própria. Prosperou economicamente, mas o seu coração generoso estava sempre aberto a concorrer para obras de beneficência, atos de patriotismo e ajuda aos seus compatriotas, em especial, a sua família. Com a sua vivência cosmopolita, sentiu a necessidade de pagar o curso de direito ao seu sobrinho Nicolau Carneiro, que mais tarde teve um papel de destaque na comarca de Paços de Ferreira.

Em 1872, regressou a Portugal e instalou-se na casa do Padrão que mandara erigir. Como não queria ficar inativo, adquiriu terrenos para o cultivo da vinha e para a produção cerealífera.

Manuel Alves Carneiro não teve descendentes diretos e deixou a sua fortuna aos seus sobrinhos Dr. Nicolau Carneiro e Maria da Conceição Carneiro. A Casa do Padrão ficou para Nicolau Carneiro. Este não teve filhos e deixou a casa ao seu sobrinho Serafim Carneiro Leão que casou com Maria Glória Queiroz. Este casal teve três filhos: João Nicolau, Manuel Abílio e Emília Teresa que é hoje a proprietária da casa do Padrão.

4.2.1.2. Exterior do Edifício

O sonho de Manoel Alves Carneiro era ter uma casa bonita. Segundo Vieira Dinis, ele dizia a sua mãe: “*Senhora mãe, venda um dos campos do meu dote. Irei ao Brasil e na vinda mandarei fazer uma casa bonita*”⁸³. Ora, ele concretizou o seu sonho no lugar do Padrão, freguesia de Penamaior. Tal como todos os outros torna-viagem, que procuravam implantar as suas casas junto a boas vias de comunicação, ele edificou a sua num cruzamento estratégico que dava acesso à cidade do Porto, à vila de Santo Tirso e à sede do Concelho.



Figura 4.2-2. Casa do Padrão (Foto ⁸⁴)

⁸³ DINIS, Vieira- *Gazeta de Paços de Ferreira* nº 632- 10/7/969

⁸⁴ BARROS, Rui Carneiro. *sub- Rota Turística Pacense Ancorado no Mosteiro de São Pedro de Ferreira e Itinerários Turísticos Ancorados na Casa de Rosende* [em linha] [consult. 21/12/2018]. Disponível em

*“É a casa de dois sobrados, caiada, azulejada, com as sua colunas pintadas de verde como de papelão grudado à parede, com as bases amarelas e os vértices escarlates. Vão - se os olhos naquilo! Esta maravilha arquitectónica devem-na as artes ao gosto e génio pitorescos de um rico mercador que veio das luxuriantes selvas do Amazonas, com todas as cores que lá viu de memória e todas aqui fez reproduzir sob o inspirado pincel de trolha (...)”*⁸⁵

Como podemos, mais uma vez, observar os brasileiros, torna-viagem de sucesso, faziam todos os possíveis por refletir nas suas habitações as condições económicas e sociais que adquiriram, assim como, a influência arquitetónica que trouxeram.

A casa do Padrão é um exemplo disso mesmo. É de volumetria paralelepípedica e de dois pisos. O rés-do-chão é rebocado sobressaindo a cantaria das pilastras, das soleiras e ombreiras nas molduras exteriores das portas e janelas e no friso que separa os dois pisos.

O primeiro piso é revestido de azulejos florais pintados de azul (fig. 4). Neste edifício está bem presente a simetria tão usada nas construções do brasileiro. Na fachada principal rasgam-se sete vãos em forma de arco, seis de janelas de peitoril e janela de sacada ao centro de donde sobressai uma varanda apoiada num cachorro protegida por grades de ferro trabalhado. Estes vãos estão revestidos de cantaria lavrada e o da janela sacada apresenta-se com pedra de fecho. A porta que dá acesso a essa varanda é de duas folhas em madeira com bandeira trabalhada e vitral típico da época. As janelas originais eram de guilhotina sendo a parte fixa um vitral. Atualmente foram substituídas por janelas de alumínio de duas folhas com bandeira.

https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=5853&pi_pub_r1_id=
⁸⁵ BRANCO apud MONTEIRO, Miguel – *Fafe dos “Brasileiros” (1860- 1930) Perspetivas Históricas e Patrimonial...* op. cit. p.170.

Os vãos do rés-do-chão encontram-se simetricamente alinhados pelos do primeiro andar. A porta principal deste edifício está alinhada pela janela sacada do primeiro piso.

Na fachada este há três vãos em forma de arco, sendo o do centro janela de varanda com sacada em ferro forjado e os outros dois janela de peitoril.

No rés-do-chão encontram-se o mesmo número de aberturas dispostas simetricamente sendo a do meio uma porta larga de madeira. As outras duas aberturas são duas pequenas janelas retangulares.

A cornija é em cantaria trabalhada, coberta por telhão. Numa das pilastras da fachada principal está patente uma placa de mármore branco com as iniciais M.A.C. e a data da conclusão da obra 1874.

O jardim está geometricamente desenhado com murta com um lago ao centro e dá acesso ao átrio principal da casa que fica ao centro da fachada sul.



Figura 4.2-3. Azulejos do revestimento do exterior

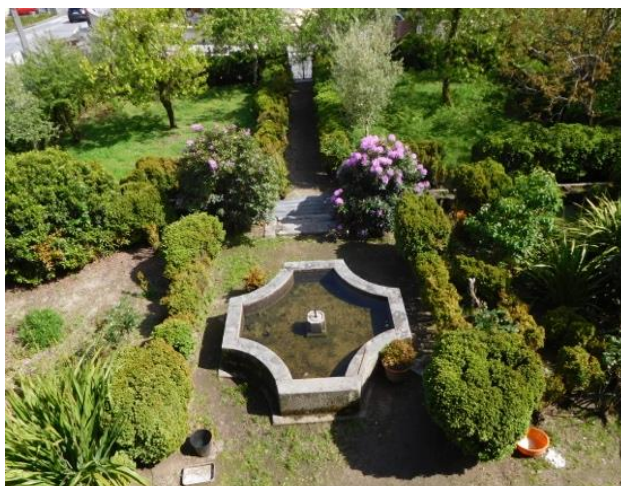


Figura 4.2-4. Jardim

4.2.1.3. Interior do Edifício

Ao entrarmos na Casa do Padrão pela porta principal de madeira de duas folhas deparamo-nos com um corredor sóbrio, reflexo do exterior. O chão é em granito e o teto é em estuque branco trabalhado, as paredes, as pilastras e o arco das portas são em escaiola e a imitar o mármore. Este conduz-nos ao hall central da casa que dá acesso ao jardim e à escadaria que nos conduz ao primeiro piso. Esta é de madeira e faz a ligação do rés-do-chão ao primeiro piso. É composta por um lanço, um patamar e outro lanço e termina no corredor principal que faz a distribuição dos aposentos do primeiro piso e dá acesso a um varandim com corrimão assente numa balaustrada de madeira entalhada, estabelecendo a ligação a dois aposentos e a uma janela. As paredes são em escaiola e o teto é estuque com uma moldura e um florão ao centro.

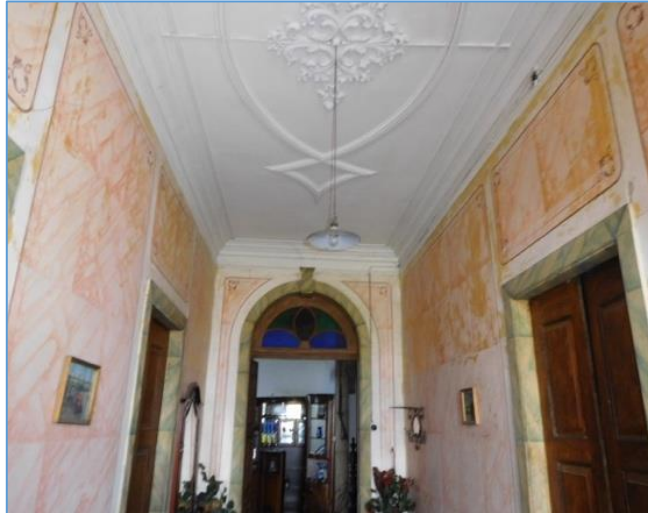


Figura 4.2-5. Hall de entrada



Figura 4.2-6. Varandim interior



Figura 4.2-7. Tetos da escadaria e da sala de jantar

O andar nobre encontra-se no primeiro piso onde o corredor faz distribuição da zona de lazer, zona privada e de zona de serviço que se situa no topo oeste. Neste piso sobressaem os tetos em estuque com relevo, maioritariamente,

motivos florais com destaque para as folhas de acanto. O teto da sala encontra-se em mau estado de conservação. O revestimento das paredes é em papel prensado e em pintura a imitar o mármore.

A nascente, o edifício está à face da rua, com acesso direto do exterior por uma grande porta de madeira. Em frente da fachada principal há um jardim vedado com um muro granito, rebocado, capeado em cantaria lavrada, sendo rematado por grades de ferro forjado. Rasgam-se dois portões um contíguo à habitação e outro a sul na direção da porta que dá acesso ao átrio principal Na esquina do muro estão incorporadas umas “Alminhas” trabalhadas em cantaria, o que demonstra a fé deste homem. O logradouro é vedado por muros altos de granito onde está rasgado um portão para o serviço agrícola.



Figura 4.2-8. Muro de vedação

4.2.2. Casa Dr. Vasconcelos



Figura 4.2-9. Palacete do Dr. Vasconcelos, alçado sul

4.2.2.1. Contexto biográfico

Em meados do século XIX, Jacinto da Costa Torres rumou ao Brasil com mais quatro irmãos à procura de melhores condições de vida. Jacinto casou com Rufina Couto e do seu casamento nasceu a sua filha Elvira Torres, que casou com Albino Ferreira Matos. Deste casamento nasceu Maria Braselina de Matos, por sua vez casou com Manuel Pinto de Vasconcelos, pais dos atuais proprietários, Fernando Vasconcelos e José Carlos Vasconcelos.

Nas terras de Vera Cruz, a vida sorriu a Jacinto e seus irmãos que fizeram fortuna trabalhando no comércio da borracha.

4.2.2.2. Exterior do Edifício

Regressado à sua terra natal, Jacinto implantou o seu palacete na rua António Pereira da Costa nº 22, em Freamunde. O palacete composto por três corpos. O corpo principal é composto por dois pisos e quatro mansardas. O rés-do-chão é rebocado. No primeiro piso destacam-se as pilastras de cantaria trabalhada e o revestimento a azulejos de cor bege, cor, muito típica da casa do

brasileiro. Já Camilo fazia referência na sua obra Eusébio Macário “*onde mandaria edificar um palacete de azulejo cor de gema de ovo*”⁸⁶.

No telhado sobressaem quatro mansardas, três com três vãos de janela, duas de peitoril de guilhotina e uma janela de sacada que dá acesso a uma varanda com grades de ferro fundido trabalhadas pintadas de branco. O telhado é apoiado em quatro delicadas colunas de ferro trabalho pintadas de branco. Salienta-se a janela de sacada de duas folhas com bandeira em forma de vitral. Sobre a janela de sacada existe um belíssimo friso de azulejo. Na quarta mansarda rasgam-se duas janelas de peitoril retangulares de guilhotina.

Do corpo principal do palacete destaca-se uma bela e elegante clarabóia em ferro e vidro. Deste corpo nasce um largo corredor que nos conduz à zona de serviço com duas cozinhas, sala de estar e de jantar. Estes dois corpos do palacete não apresentam as mesmas características do projeto inicial porque o genro Albino Matos introduziu novos elementos decorativos como os azulejos de arte nova e a cornija de madeira.



Figura 4.2-10. Palacete Dr. Vasconcelos alçado norte (A.F)

⁸⁶ CASTELO, Camilo Branco- *Eusébio Macário, História natural social do tempo de Cabrais...* op. cit. p



Figura 4.2-11. Fachada principal

Na fachada principal do primeiro piso abrem-se duas janelas retangulares de guilhotina de cada um dos lados da porta principal. Os aros das janelas e da porta são em cantaria trabalhada. O da porta é em arco de volta perfeita com chave trabalhada. A porta de entrada é de madeira, de duas folhas, com vitral em forma de arco.

O acesso para a porta principal faz-se através de uma escadaria redonda de dois degraus e um patamar em cantaria.

4.2.2.3. Interior do Edifício

A elegância do exterior transporta-nos para uma atraente sala de estar. Aqui podemos admirar um magnifico teto em estuque com relevo. No ornato central no interior de um friso de estuque, sobressaem um anjo e uma figura feminina. Os cantos do teto estão preenchidos com motivos florais, vegetais e animais. As paredes são revestidas de magnifico papel de parede prensado de vermelho grenã.



Figura 4.2-12. Teto em estuque da sala de estar

Contíguos a esta sala há dois compartimentos e um corredor que faz a distribuição dos compartimentos do primeiro piso. A circulação vertical entre o rés-do-chão e o piso amansardado faz-se através uma escadaria de madeira em caracol com corrimão apoiado em balaustrada de madeira entalhada. A iluminação solar da escadaria é conseguida através de uma elegante claraboia.

Estes “novos burgueses” tinham sempre presente o conforto e a higiene. Para cumprir estes preceitos, Jacinto Torres Matos equipou a sua casa com um belo fogão de sala para aquecimento e uma casa de banho completa e um lavatório arte nova junto à sala de jantar.



Figura 4.2-13. Lavatório e fogão de sala

Um muro rebocado e pintado é capeado em cantaria, rematado por uma grade de ferro fundido trabalhada, separa a rua do edifício. Neste rasga-se uma abertura em frente da porta principal do palacete e outra na extremidade oeste de grandes dimensões que dá acesso ao logradouro. A primeira está apoiada em duas colunas com capeamento de cantaria trabalhada. A porta é de duas folhas de ferro fundido trabalhado pintada de branco. Por cima da porta há um arco de ferro trabalhado onde podemos observar a data (1880) e as iniciais do proprietário(JCT).

A restante propriedade está separada da via pública por um muro de granito.

Em 1899 o genro de Jacinto Torres professor Albino Matos, nos anexos deste palacete criou a primeira oficina de material escola do país. *“N’uma palavra, as suas oficinas, apesar de instaladas no planalto de Freamunde, são as primeiras oficinas de material escolar do paiz.”*⁸⁷

⁸⁷ CARVALHO, Joaquim Manuel Fernandes - *A Indústria do Mobiliário Escolar Em Paços de Ferreira O Caso da Fábrica Albino de Matos Pereiras & Barros Lda...* op. cit. p. 57

4.2.3. Casa Dr. Jaime Barros



Figura 4.2-14. Bráz Gomes Nogueira

4.2.3.1. Contexto biográfico

Bráz Gomes Nogueira era o segundo de quatro filhos de José Nogueira e Ermelinda. Nasceu em Meixomil a 22 de fevereiro de 1865 e faleceu a 28 de janeiro de 1903.

Bráz ao chegar à idade da incorporação militar, emigrou para o Brasil, como teria sido combinado entre seu pai e seu padrinho que já lá se encontrava, facilitando a sua integração no país. Diligenciou todo o processo de embarque, indo foi ao cuidado do comandante do navio, que o apresentaria ao padrinho no desembarque. Este era comerciante de borracha em Belém do Pará e empregou-o como “caixeiro” e ele foi despertando para o negócio. Observava que os intermediários impediam o aumento dos lucros. Sugere ao padrinho irem diretamente à floresta buscar a borracha. Iniciou esta nova etapa primeiro com um barco, depois com um segundo. O negócio floresceu continuou a fazer consecutivas viagens entre Belém e Manaus.

O negócio prosperou e aí fez a sua fortuna. Segundo testemunhos da época, terá estado na fundação do Teatro de Manaus. Os contactos comerciais, muito em especial com ingleses, deram-lhe uma vivência cosmopolita que contrastava com a ruralidade de Meixomil, Paços de Ferreira, sua terra natal.

Bráz veio a Portugal e no regresso, levou Ermelinda com quem casou. Deste matrimónio nasceram três filhos: Maria José Alves Nogueira, Isaura Alves Nogueira e Bráz Alves Nogueira. Maria José nasceu a 17 de abril de 1900, casou com Jaime Pinto de Barros e desta união nasceram Jaime Manuel Nogueira de Barros e Júlio Alberto Nogueira de Barros. Jaime casou com Maria Ângelina Fernandes e tiveram três filhos: Mercedes Maria Fernandes de Barros, Paulo Fernandes de Barros (atual proprietário) e Nuno Gonçalo Fernandes de Barros.

No outono de 1900, Bráz regressou doente (doença tropical, segundo consta, contraída na Amazónia) a Meixomil com toda a família. Também o acompanharam Sara e Jorge (da idade dos filhos de Bráz) e uma cozinheira índia da Amazónia.



Figura 4.2-15. Casa Dr. Jaime Barros⁸⁸

4.2.3.2. Exterior do Edifício

Bráz implantou a sua casa num local estratégico, localizado no cruzamento que faz a ligação da sede do Concelho a Santo Tirso e da cidade do Porto a

⁸⁸ BARROS, Rui Carneiro. *Sub- Rota Turística Pacense Ancorado no Mosteiro de São...*op. cit.

Guimarães. Era um souto que foi necessário desbravar para dar lugar a terra arável.

A casa foi edificada tendo em conta as condicionantes do terreno, o jardim frontal em socalco, (conseguido por elevação do terreno inicial por meio de dois muros de suporte e escadas de acesso à propriedade).

No jardim simetricamente desenhado, observamos dois lagos com repuxos centrais, onde habitualmente havia peixes. Consta que inicialmente teve duas palmeiras. Os canteiros são desenhados em perfeita simetria, com pedra solta. O pavimento exterior no jardim é calcetado, em pedra de quartzo e outra, formando desenho. (ainda tudo original)

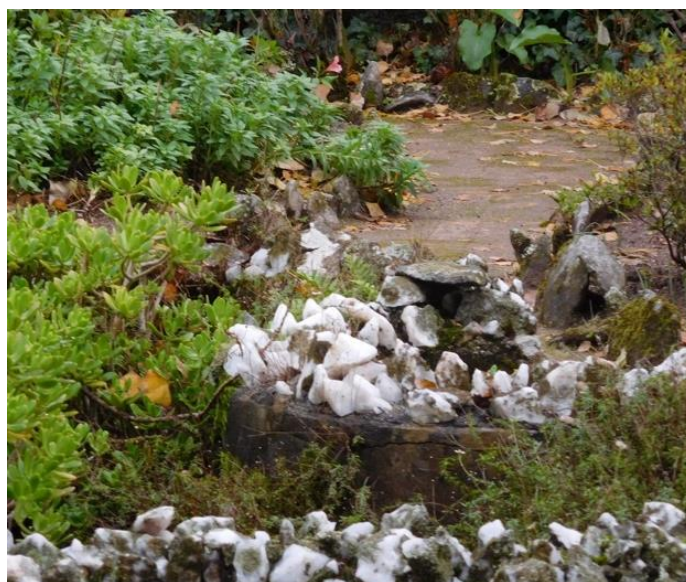


Figura 4.2-16. Jardim

A propriedade das Portas é delimitada com muros: a Poente, um muro de suporte muito alto, por causa do socalco; a Norte e a Sul, um muro alto, de pedra miúda, de cerca de 2 m de altura. O muro da frente da casa é adornado a quartzo trazido de uma pedreira próxima de Sanfins ou Lamoso, para dificultar a intrusão na propriedade. Com este muro Bráz queria afirmar o seu elevado estatuto económico e social. Na extrema sul desse muro, havia um “mirante”, hoje inexistente, cujos restos de construção ainda estão visíveis.

O património edificado era formado pelo edifício de habitação e por construções anexas para apoio agrícola como: um palheiro, cortes de animais, uma cozinha do forno, um compartimento do “gasómetro”.

Bráz, para dotar a sua casa de condições de salubridade, adquiriu uma propriedade na freguesia vizinha de Carvalhosa, onde mandou fazer uma prospeção de água, em mina, para vir abastecer a propriedade das Portas. Fez uma canalização pela estrada fora, cerca de 2 a 3 km. Chegaram à conclusão que os níveis estavam mal tomados e a água “não dava ponto” e não fluía no tanque, como Bráz pretendia: mandou fazer uma pequena barragem dentro da mina, mais acima, para conseguir que brotasse no tanque. E assim foi, durante quase um século. Esta água serviu para abastecer a casa e para a rega de toda a propriedade. No exterior, Bráz mandou colocar uma fonte que deu de beber a toda a Freguesia uma excelente água.

Na altura, Bráz fez uma captação de água alternativa, um poço profundo, com uma mina-depósito a meia altura, que complementava as necessidades de água para rega. Este poço também funcionava como “frigorífico” para guardar carne e outros alimentos perecíveis, ainda existindo marcas do suporte da roldana com que se subia e descia uma cesta de vime. Era dotado este poço de uma nora de copos, puxada a animal.”

A sua vivência levou-o a ter contacto com os novos estilos de vida burguesia, assim projetou a sua residência com várias instalações pouco habituais para a época iluminação a gás acetileno. Ainda existe a tubagem instalada e são visíveis os pontos de saída de candeeiros de parede no corredor do piso superior.



Figura 4.2-17. Fotografia aérea da propriedade Dr. Jaime Barros (A.F.)

Devido à sua doença, para ver a sua obra edificada e usufruir dela, mobilizou todos os meios para acelerar a sua construção, adquirindo a pedra pronta que estava em Penamajor, para uma construção que não chegou a ser erigida. Simultaneamente, mandou erigir um jazigo no cemitério de Meixomil. É da autoria de Teixeira Lopes. Tem no obelisco um medalhão em bronze com a sua figura em relevo, além de outros elementos decorativos que revela um intuito de ostentação “para além da morte”.

Nas pesquisas realizadas, não encontramos referências ao nome do arquiteto nem do engenheiro, mas, segundo o proprietário, a firma Almeida da Costa &C foi a construtora do edifício e do jazigo.

O edifício tem uma estrutura paralelepípedica com cerca de seiscentos de quadrados. A cozinha e copa estão adjacente ao corpo principal da casa. separados por uma forte porta de madeira.

A casa é rebocada a branco e os cunhais, e os aros das portas e das janelas são em cantaria lavrada. A fachada principal, enquadra com as paredes laterais por pilastras em cantaria que assentam num embasamento de granito. No rés-do-chão abre-se a porta de duas folhas em madeira que acesso ao hall

principal que faz a distribuição das várias zonas da casa. Para além da porta existem duas janelas de cada lado. É bem visível uma simetria tanto horizontalmente com verticalmente tão características da arquitetura dos brasileiros.

No primeiro andar do alçado principal, encontramos três janelas de sacada com varanda gradeada de ferro fundido trabalhado e duas janelas de peitoril com uma pequena grade de ferro forjado trabalhado, alinhados simetricamente pelos vãos do rés-do-chão. Todas as janelas são retangulares, de madeira com duas folhas e bandeira com talha.

A fachada principal é encimada por uma platibanda em cantaria, de onde sobressai ao centro o monograma de Bráz Gomes Nogueira, esculpido na pedra (pretendendo corresponder ao brasão dos aristocratas). As extremidades da platibanda são coroadas por ornato em forma de uma taça.

4.2.3.3. Interior do Edifício

Ao entrar pela porta principal, deparamo-nos com um hall cujo o pavimento é em mosaico imitando o árabe e um belo teto policromado em estuque. No chão separando o hall de mosaicos do hall de madeira que dá acesso à caixa de escada principal há uma pedra mármore com a inscrição em maiúsculas pintadas a preto “BRÁZ GOMES NOGUEIRA”, que afirma ostensivamente a quem a visita quem é seu fundador.



Figura 4.2-18. Chão do hall de entrada (Mosaico árabe e placa de mármore com a inscrição do nome do proprietário)

Neste andar, ao entrar na sala de visitas, atual biblioteca, maravilhámo-nos com as paredes forradas a papel de fantasia, com dourados e com remates e decorações em papel prensado (ainda são os originais).



Figura 4.2-19. Papel de Parede da biblioteca

Não podemos deixar de referir o teto desta sala, belo exemplo de estuque com pinturas de frescos representando as quatro estações. Segundo informações do Dr. Paulo Barros, foi pintado por um Pintor inglês, que tinha sido apresentado a Bráz em Manaus, provavelmente, enquanto estava envolvido nas obras do Teatro. Pelo que a avó contava ao proprietário atual era pago ao pintor uma libra por dia.



Figura 4.2-20. Teto em estuque pintado representado "As 4º estações"

As paredes da sala de jantar foram igualmente pintadas com naturezas mortas (presume-se que pelo mesmo pintor). Estas pinturas foram cobertas de tinta, ou seja, as paredes foram pintadas, cerca de 1930.

O teto da sala de jantar ainda é o original, com pintura sobre estuque a imitar madeira escura.



Figura 4.2-21. Teto em estuque a similar madeira

Neste piso, ainda encontrámos um quarto que articula com a sala de visitas, uma saleta e a zona de serviços. Esta zona é composta por cozinha (tinha fogão a lenha, e pia em pedra de grandes dimensões), copa, despensa, arrumos e quarto de banho (teve banheira em folha de Flandres e chuveiro de balde) que se destinava ao pessoal de serviço. O acesso ao piso superior, faz-se por uma magnífica escadaria de madeira com um lanço, um patamar, dois lanços laterais. É ladeada por corrimão de madeira elegantemente, entalhada. É iluminada por uma grande janela virada a poente. As paredes laterais, colunas e lambris são em escaiola imitando o mármore.



Figura 4.2-22. Escadaria em Madeira

A escadaria dá acesso a um corredor de grandes dimensões, aproximadamente 15 metros, com tábuas de soalho, invulgarmente longas, em pinho de Riga. É através dele que se faz a distribuição dos cinco quartos da zona privada. Todos os tetos deste piso são de estuque góticos e neogótico.



Figura 4.2-23. Teto em estuque Gótico

Nesta zona existe um quarto de banho com banheira “colonial” em ferro. Uma inovação foi a instalação de autoclismo. Contrariamente ao que era corrente, a sanita situava-se na “casa de banho” e dispunha de autoclismo.

As portas interiores são em pinho de Riga, por sua vez “fingidas” por pintura a imitar pinho de Riga. Na parte mais nobre e nos quartos os puxadores das portas têm incrustações em marfim.

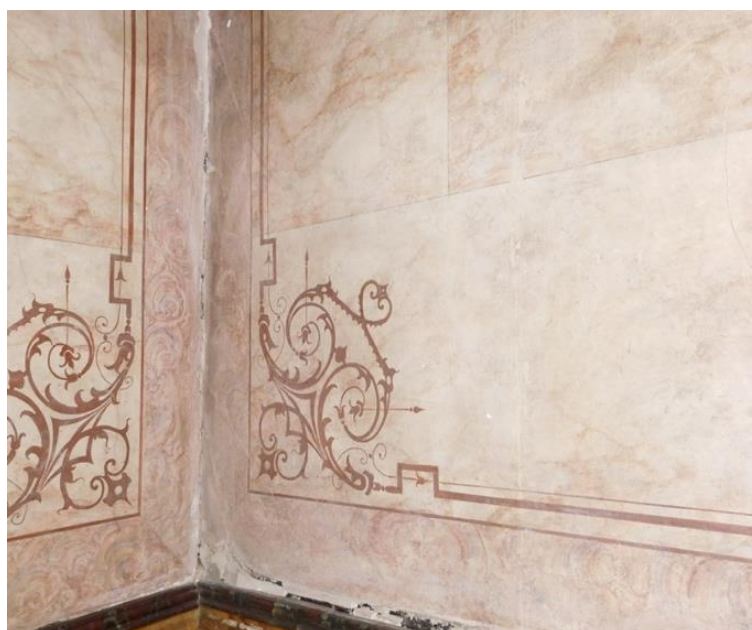


Figura 4.2-24. Parede da escadaria em escaiola

Outra particularidade foram as madeiras utilizadas. A dimensão das vigas pinho de Riga, entre outras era pouco usual. Foi importada e trazida de comboio até à Estação de Novelas (Penafiel) e depois trazida em carros de bois agrupados para conseguirem transportar as vigas inteiras.

A conclusão da construção é de 1902 como prova a figura que se encontra no tanque da propriedade. É a fonte com a cara de um árabe.

4.2.4. Casa Judite Mendes Neto



Figura 4.2-25. Casa de Judite Mendes Neto

4.2.4.1. Contexto Biográfico

A casa-chalet mandada construir por Fortunato Neto Lisboa, um tornaviagem endinheirado que edificou a residência na sua terra natal.

Após a morte de Fortunato a casa passou por herança para a sua filha Judite Mendes Neto que não teve filhos. Atualmente, o seu proprietário é o sobrinho Manuel Pinto Silva Nogueira.

Fortunato Neto fez parte dos “ciclos emigratórios transoceânicos, sobretudo para o Brasil que se acentuam por todo o século XVIII, até à década de 30 do século XX”.⁸⁹

Este fenómeno emigratório originou dinâmicas de desenvolvimento local como se pode comprovar ainda hoje no património existente.

Já no século XIX, José Augusto Vieira realça a riqueza deste povo, na sua obra *O Minho Pitoresco*.”

“Freguesia Raimonda a terra do dinheiro, como lhe chamam localmente, querendo com isto significar a concentração do capital brasileiro na florescente parochia. O facto é, porém que não dá pela

⁸⁹ CARDONA, Paula Cristina Machado - *Património Artístico da Igreja Paroquial da Raimonda...* op. cit. p18

*diferença quem não fôr da localidade, pois em todas as outras freguezias encontra o leitor, como dissemos já, as provas incontestáveis do dinheiro da emigração, frutificando nas bellas ramadas tratadas com esmero, nos palacetes de cores vivas, nos muros e portões de ferros com que se veda a propriedade do brasileiro.*⁹⁰

4.2.4.2. Exterior do Edifício

Casa situada na denominada “*estrada de Guimarães*”⁹¹ atualmente estrada nº209, que liga esta localidade à cidade de Guimarães.

Fortunato Neto Lisboa solicitou a Heitor Damas um projeto para a sua casa-chalet, este apresenta a planta definitiva a 10 de fevereiro de 1887, Doc.1- como podemos analisar apresenta características da arquitetura do brasileiro.

A casa foi construída segundo o projeto inicial. O alçado principal é formado por um só corpo. No primeiro andar, abrem-se duas janelas de peitoril e uma janela de sacada com varanda que ostenta grades de ferro, estes vãos estão revestidos em silharia, a janelas de sacada apresenta-se com chave ou pedra de fecho.

A mansarda abre-se uma vão retangular de peitoril no alinhamento da janela de sacada do primeiro piso.

⁹⁰ VEIRA, José Augusto - *O Minho Pittoresco...* op. cit. p 346

⁹¹ ibidem. p.346

No rés-do-chão abrem-se três portas em silharia, a porta de entrada apresenta-se com chave ou pedra de fecho decorada.

No alçado voltado nascente rasgam-se cinco janelas e três portas. O acesso do jardim ao primeiro piso faz-se por duas escadarias exteriores em cantaria lavrada, com gradeamento em ferro fundido.

As aberturas das janelas do primeiro piso da fachada poente são simétricas com as do alçado nascente.

Na fachada sul deparamo-nos com uma imponente chaminé em cantaria.



Figura 4.2-26. Alçado principal

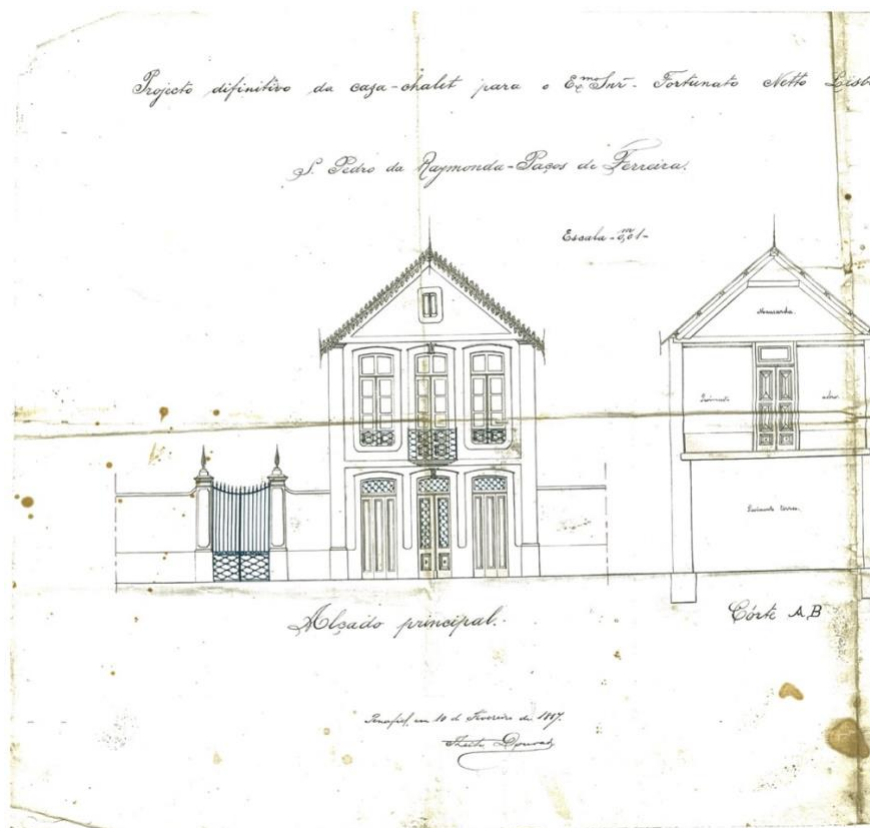


Figura 4.2-27. Planta do alçado principal da Casa Judie Neto (Foto A.F.)

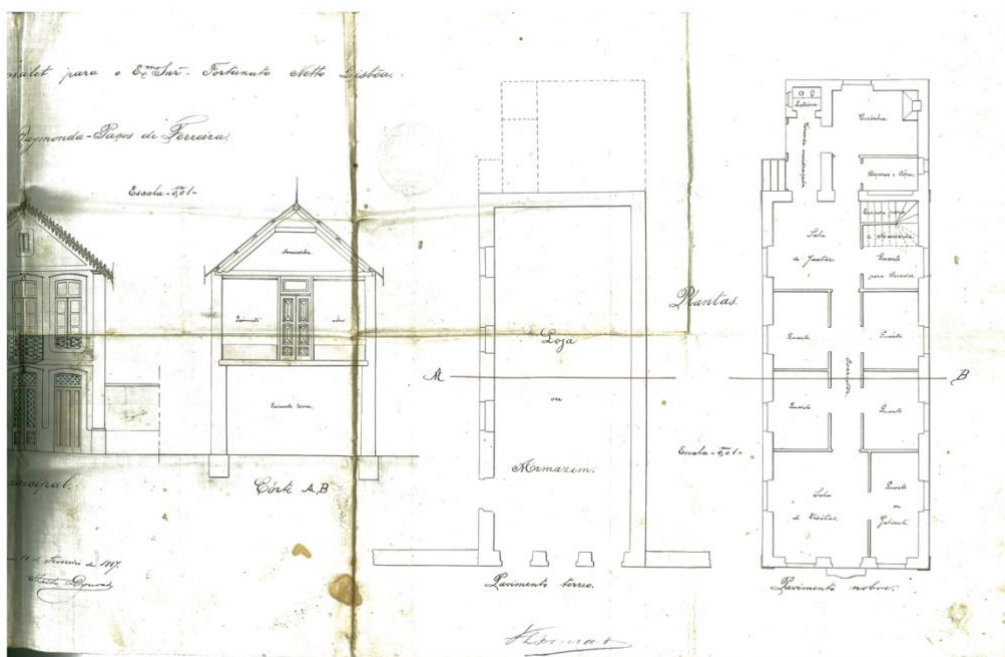


Figura 4.2-28. Planta do rés-do-chão e 1º piso da Casa Judie Neto (Foto A.F.)

4.2.4.3. Interior do Edifício

A simplicidade e a elegância do exterior, deixa antever um interior sóbrio.

Entrámos na casa pela porta principal que dá acesso a uma sala que tem o teto em estuque com uma figura masculina que numa mão segura uma tocha e na outra pende uma ave (fig. 33). Esta sala dá passagem para um corredor que faz a distribuição dos vários aposentos dispostos em simetria.

O corredor conduz-nos à sala de jantar adjacente à zona de serviços. Nesta sala, sobrai o teto em estuque, minuciosamente, trabalhado com motivos ao florais ao centro circunscrito por duas circunferências. O nosso olhar prende-se com a beleza dos cantos onde encontrámos delicados ramos de rosas. (figura 31).

A sala de estar fica na outra extremidade do corredor, com uma janela peitoril virada para nascente e uma de sacada e outra de viradas para a estrada nacional. O teto desta sala é de estuque e exhibe um centro com motivos florais, uma bordadura de friso decorado e nos cantos dois graciosos motivos unidos por um elo (figuras 32 e 34). As paredes estão revestidas com papel de fantasia com remates e decorações em papel prensado.



Figura 4.2-29. Teto em estuque da sala Jantar



Figura 4.2-30. Tetos em estuque



Figura 4.2-31. Canto do teto em estuque e papel de parede

Um jardim geometricamente desenhado, embeleza a entrada principal. Toda a propriedade é murada com muros de granito e com grade de ferro forjado e um mirante.

4.2.5. Casa Vila Formosa



Figura 4.2-32. Alfredo Alves Bentes (Foto de A.F.)

4.2.5.1. Contexto biográfico

Alfredo Alves Bentes nasceu em 1868 na freguesia de Frazão e emigrou para Brasil em 1885, para Belém Pará onde era empregado numa loja de comércio geral. Por volta de 1900 encontrava-se em Manaus onde conheceu a francesa Emilie d`Alimanc.

Emilie era filha do Maire da Alsácia e apaixonou-se por um alemão que trabalhava numa fábrica de cerveja que se instalou na região durante a invasão alemã. O namorado morreu num lagar de fermentação da cerveja. Os pais não viram com bons olhos a gravidez da filha, por isso, ela viu-se obrigada a emigrar para o Brasil, para Manaus onde era chefe de pessoal da empresa francesa Au Bon Marché.

Alfredo Alves Bentes, o avô do atual proprietário, contratou Emilie para trabalhar com ele no seu negócio.

Casou com Emilie d`Alimanc em 1901 e residiam em Manaus. Deste casamento nasceu a filha Ivone em 1902 e filho Rodolfo em 1904.

O filho Rodolfo Alves Bentes casou em 25 de agosto de 1928 com Maria Augusta

Ferreira de Lemos Bentes. Tiveram dois filhos: Maria Teresa Lemos Bentes

Alves Pimenta em 26 de junho de 1929 e Rodolfo Lemos Bentes a 23 maio de 1931.

Rodolfo Lemos Bentes Casou com Hejira Hassam Rustam em 30 de setembro de 1967 que é o atual proprietário.

O avô do proprietário fez uma grande fortuna, adquiriu muitos terrenos e construiu o seu palacete com os melhores materiais e comodidades. Não olhava ao dinheiro para ir buscar pinheiro de riga à Rússia, pau de cetim e sucupira ao Brasil, um enorme espelho Paris e peças de louça a Viena.

4.2.5.2. Exterior de Edifício



Figura 4.2-33. Fachada principal da Vila Formosa

O edifício foi implantado num terreno com cerca de 4500 m² junto da estrada nacional 209/EN15 que liga esta localidade ao Porto e à sede do Concelho.

Alfredo Alves Bentes mandou edificar a sua residência, influenciado pela sua vivência cosmopolita, adotando os novos estilos arquitetônicos. É um edifício de forma paralelepípedica e de volumetria considerável.

Pelas investigações realizadas, não encontramos registo de projeto elaborado por arquiteto. Pelo testemunho do seu neto, Rodolfo o projeto foi da autoria do proprietário e inspirou-se nos edifícios que observava nas suas viagens. Entregou a obra a artistas da região sob a supervisão de um dos seus irmãos. Ao bom estilo da burguesia contratou um pintor francês para a decoração do interior.

A fachada principal, voltada para norte, dá para a estrada nacional 209, é composta por três corpos separados por duas pilastras de silharia fendida, destacando-se o corpo central pela sua varanda e a elaborada e diversificada decoração, sendo os laterais mais recuados conferindo-lhe uma simetria e imponência. No corpo central do primeiro piso rasgam-se três janelas de sacada em arcos de volta perfeita em silharia fendida com chave de desenho neoclássico. No rés-do-chão, rasga-se uma porta principal que é em arco de volta perfeita em silharia com chave neoclássica. Esta porta é de madeira de duas folhas com bandeira de ferro trabalhado e almofadas. As aberturas laterais são janelas de peitoril de silharia de arco de volta perfeita com chave neoclássica.

Nos corpos laterais do primeiro piso rasgam-se duas janelas de peitoril de silharia fendida na parte superior e cantaria nas laterais e inferior. Todas são retangulares, de duas folhas e de madeira com bandeira trabalhada. Sobre o peitoril sobressai uma pequena grade de ferro forjado.

Uma escadaria de cantaria de granito proporciona a circulação do jardim para a varanda que dá acesso à porta principal.

Por cima do corpo principal deparamo-nos com uma grande varanda retangular com gradeamento de ferro forjado que é suportada por quatro cachorros trabalhados e por duas pilastras de silharia fendida.

A fachada principal do edifício é coroada por uma platibanda em cantaria. Os corpos laterais da platibanda estão decorados com um friso de azulejos. No corpo central sobressai uma coroa de louros com a data da construção do edifício e uma grinalda de cada lado em cantaria. As extremidades da platibanda foram rematadas com um ornato em cantaria lembrando uma jarra com flores.



Figura 4.2-34. Platibanda

O edifício é rebocado e exhibe cantaria de granito nas pilastras, no corpo central do rés-do-chão e no embasamento das portas e janelas. A casa é o reflexo do homem que a mandou edificar.



Figura 4.2-35. Entrada principal

4.2.5.3. Interior do Edifício

Depois de nos maravilharmos com o exterior, o que podemos esperar do interior? Entrando na porta principal da casa de Rodolfo Bentes, deparamo-nos com a sala de estar, espaço deslumbrante. O teto é em estuque trabalhado em alto relevo com um florão central e vários frescos. O chão desta sala, assim como o das outras duas existente neste palacete são raros exemplares no país, segundo o proprietário. É em sucupira e pau de cetim executados em marchetaria, minuciosamente, por artistas do concelho.



Figura 4.2-36. Teto em estuque da sala de visitas



Figura 4.2-37. Chão da Sala de visitas e dos retratos de família

Contígua à sala de estar para oeste entramos na sala destinada aos retratos de família, aí podemos maravilhamos com um belíssimo teto de estuque em relevo com motivos florais e folhas de acanto e molduras de estuque em relevo destinadas a colocação do retrato dos familiares.



Figura 4.2-38. Teto em estuque da sala dos retratos de família

A porta do lado Este da sala de estar dá acesso à sala de jantar. Aqui encontramos o teto em forma de caixotões ao centro um florão com folhas de acanto a imitando a madeira.



Figura 4.2-39. Teto em estuque a imitar madeira da sala de jantar

Saindo sala de estar em direção a sul, entramos no corredor que possui o chão de madeira de sucupira e pau de cetim, as paredes em escaiola a imitar o mármore. É através deste corredor que se faz a circulação horizontal e vertical da casa, pois é daqui que nasce uma imponente escadaria de madeira com um lanço de escadas, um patamar e outro lanço que termina num patamar onde a distribuição da zona privada. Esta escadaria é ladeada do lado esquerdo por uma belíssima balaustrada encimada por um corrimão em madeira. Para embelezar e iluminar esta belíssima zona, existe um candeeiro em bronze no cimo da coluna do lado esquerdo que inicia a escadaria. No patamar desta escadaria está um grandioso espelho de quatro metros de altura, adquirido em Paris naquela época pois, Alfredo Bentes fazia questão de estar na vanguarda da moda do seu tempo.

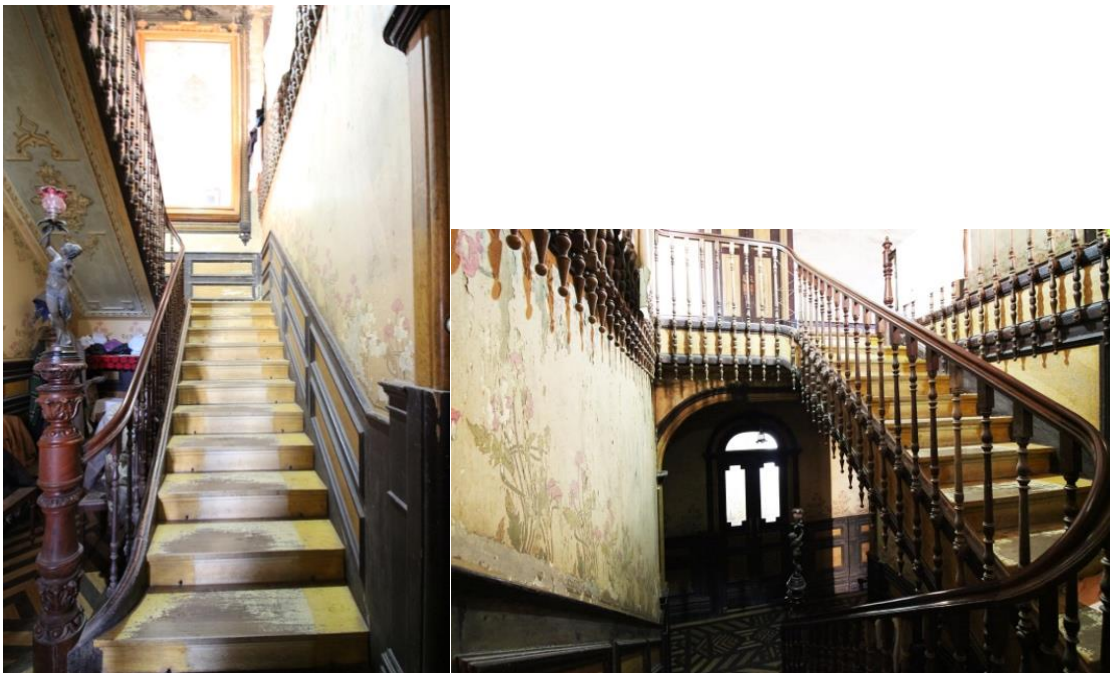


Figura 4.2-40. Escadaria em madeira

A fachada sul do rés-do-chão é reservada à zona de serviços. Um corredor faz a ligação entre a cozinha, a zona nobre e o acesso às águas furtadas e ao exterior que faz a ligação com o jardim das traseiras.

A cozinha e a casa de banho espelham, a sua preocupação com beleza e o bem, pois o revestimento das paredes era de azulejo policromados e o chão pavimentado com mosaicos. As suas cores lembravam o Brasil.



Figura 4.2-41. Azulejo e Mosaico

O dono da Vila Formosa introduziu na sua habitação inovações técnicas para o conforto e higiene da família. Providenciou a construção de casa para a bomba e para a lenha, para que não faltasse nem água nem combustível para aquecimento

Para poderem apreciar a natureza e desfrutar de locais de convívio, construiu um belo jardim geometricamente desenhado, com dois lagos colocados em simetria, árvores exóticas e as palmeiras, tão típicas dos torna-viagem. Toda a propriedade era murada com muros de cantaria revestidos a azulejos encimados por uma grade de ferro forjado trabalhado. Como apreciavam ver sem serem vistos construiu, em cada topo do muro, um mirante, atualmente, existe apenas um no topo oeste. O acesso principal para a propriedade faz-se por um grande portão de ferro forjado onde se encontra a inscrição “Vila Formosa” as iniciais do proprietário e a data da conclusão da obra (1905)

4.2.6. Casa da Coqueda/ Vila Maria



Figura 4.2-42. Fachada principal e mirante da Vila Maria (Foto do A.B.M.P.F)

4.2.6.1. Contexto biográfico

António Alves Barbosa, filho de Luís Coelho e de Leocádia Alves Barbosa, frequentava o seminário de Vilar (Porto), quando numa noite de S. João mudaria de rumo com uma fuga da instituição e não teve coragem para voltar.

Quando os pais souberam, ficaram tão descontentes que lhe deram vários castigos, entre os quais, ir para o Brasil.

“O Recife foi o porto de abrigo de um mancebo um tanto acabrunhado pelas perspectivas sombrias que lhe apresentavam, nos seus 19 anos cheios de esperanças próprias da idade.”⁹²

No Brasil, casou com Maria Caminha natural de Icó- Ceará. A vida sorriu-lhe e, resolveu construir a sua residência vila de Paços de Ferreira que ficou concluída em 1912 com o nome de Vila Maria (Casa da Coqueda).

⁹² DINIS, M. Vieira - *História e Etnografia- Casas Antigas do Concelho. Casa da Coqueda- V Gazeta. Paços de Ferreira (10/02/1972)*



Figura 4.2-43. Alçado principal e nascente (Arq. Sílvio Silva)

4.2.6.2. Exterior do Edifício

António Barbosa elegeu um lugar estratégico na vila de Paços de Ferreira para edificação da sua residência. Como era um homem de bom gosto e poder económico edificou a sua casa apalaçada, com a fachada principal volta para vila, na rua Dr. Jaime Barros. Esta é revestida de azulejos grená, tendo sobre o embasamento um friso de azulejos verdes e outro de flores com frisos de cantaria trabalhada a separá-los.

No primeiro piso está presente a simetria tão característica dos edifícios de “brasileiros”, uma janela de sacada ao centro e de cada um dos lados uma janela de peitoril e duas janelas de sacada. A proteção das varandas e janelas é de ferro forjado. As pilastras que contornam o edifício, o friso que separa os dois pisos e todas as aberturas das janelas e das portas são em cantaria trabalhada.

O acesso à área nobre faz-se por uma escadaria de granito que desemboca a num patamar.

A platibanda que encima a fachada principal do edifício é em cantaria trabalhada, destacando-se coroações nas janelas de sacada, sendo a do corpo principal um frontão onde está escrito o nome: Vila Maria e a data (1912).

Na fachada nascente, acede-se ao rés-do-chão por duas pequenas escadarias que desembocam num patamar protegido por uma grade de balaustrada. Do embasamento nascem quatro onde assenta a varanda do primeiro piso também ela protegida por um gradeamento de balaustrada.



Figura 4.2-44. Foto da fachada lateral nascente (A .B.M.P.F)

Circula-se do pátio exterior para a área de serviço através de uma escadaria de granito contígua à parede da fachada norte.

Pelos dados recolhidos na investigação, podemos concluir que a Vila Maria refletia as vivências de António Barbosa nas terras de Vera Cruz, onde adquiriu elevado prestígio social e um grande poder económico. Pelos documentos consultados e pela memória descritiva do arquiteto Sílvio Silva, podemos inferir que arte estava presente na sua vida, destinou uma das suas salas do rés-do-chão para a música. O teto era em estuque pintado com motivos florais.



Figura 4.2-45. Teto em estuque pintado da sala da música (A. B.M.P.F)



Figura 4.2-46. Planta do rés-do-chão (Arq. Sílvio Silva)

A mobilidade no interior do edifício, fazia-se através de uma escadaria de madeira com corrimão assente numa balaustrada. O chão executado em marchetaria de madeira proveniente do Brasil. Apresentava vários desenhos com prova fotos do Arquivo da Biblioteca Municipal. As portas eram de madeira pintadas de branco e com motivos florais e outros.



Figura 4.2-47. Escadaria e chão em madeira (A. B.M.P.F)

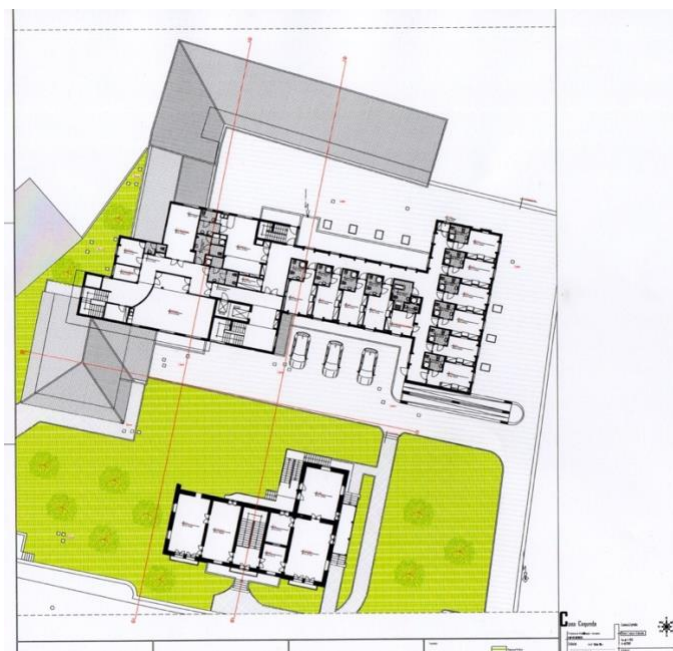


Figura 4.2-48. Planta 1º Andar (Arq. Sílvio Silva)

António Barbosa materializou na vila Maria os símbolos próprios da arquitetura brasileira da época. Esta casa de António Barbosa passou por vários proprietários em Agosto de 1953 foi adquirido por Raúl da Costa Leal, comerciante casado com Maria Anunciada Monteiro Leal, residentes em Recife estado de Pernambuco, Estados Unidos do Brasil. Em 19 de Novembro de 1965, Maria Anunciada Monteiro Leal, viúva, residente na cidade do Recife,

Pernambuco Estados Unidos do Brasil, vendeu o edifício ao Município de Paços de Ferreira, para aí ser instalada a Escola Preparatória Arnaldo Gama em Paços de Ferreira, como provam a documentação analisada.

Ao longo de alguns anos, a população estudantil do segundo ciclo, pode conviver com um legado tão importante para a compreensão do património dos brasileiros deixado ao concelho. A escola funcionou neste espaço histórico até ano 1989.

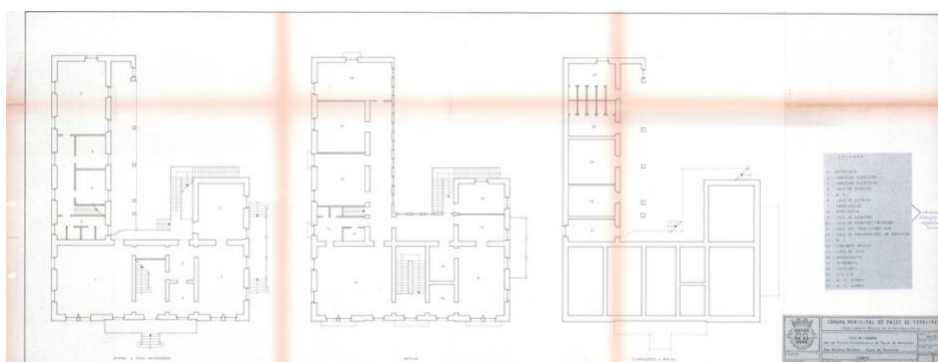


Figura 4.2-49. Planta das do1º piso e piso intermédio, Vila Maria da Escola Armando Gama (A M. P. F.)

Em Agosto de 1992, passou para a posse da Santa Casa de Misericórdia, por permuta de um terreno, com a cláusula contratual de recuperação do edifício, mantendo as características arquitetónicas estruturais.

Com o passar dos tempos, a casa passou por várias vicissitudes, até ao completo abandono como pode constatar pela memoria descritiva do Arquiteto Sílvio Silva.



Figura 4.2-50. Degradação da Vila Maria (Foto arq. Sílvio Silva)

Em 2009 a Santa Casa da Misericórdia, inicia a reabilitação deste património. Segundo arquiteto Sílvio Silva:

“O edifício da Coqueda é um dos ícones arquitectónicos do concelho de Paços de Ferreira, pela informação cultural que apresenta. Essa informação é visível através de um desenho muito característico e peculiar da forma de viver e de sentir a arquitectura dessa época, sendo de salientar desse desenho, o gosto pela fachada principal muito trabalhada e as restantes inócuas, completamente inertes, despidas de tudo, num jogo claramente influenciado pelos movimentos vindos do Brasil e das construções dos burgos, das aldeias da região do Minho; e de uma forma muito clara, através da leitura atenta pela planta, a implementação de espaço, refiro-me à sala de música, característico das necessidades de um estrato social abastardo, louco pela aprendizagem dessa arte. Contudo, este edifício próprio de uma época culturalmente agarrado a características próprias, muito suas, que ajuda a formar e a escrever as páginas intermináveis, porque os movimentos culturais estão sempre a evoluir, da história da cidade, encontra-se em estado devoluto” (Memória descritiva do arquiteto Sílvio Silva).

Através da reabilitação da Vila Maria, recuperámos uma parte fundamental património que nos ajuda a compreender a influência que os brasileiros na arquitetura oitocentista do Concelho.



Figura 4.2-51. Vila Maria - Reabilitada



Figura 4.2-52. Fachada nascente Reabilitada

4.2.7. Guarda Nacional Republicana – Paços de Ferreira



Figura 4.2-53. Edifício da GNR Ruína (Foto A. B.M.P.F)

4.2.7.1. História

Durante a investigação realizada, no arquivo da Biblioteca deparamo-nos com a fotografia da casa do brasileiro, Alfredo Ferreira Campos, médico, em completo em abandono. Como afirmava Alois Riegl, na sua obra “O culto moderno dos monumentos,

“As ruínas, como já se disse, oferecem o exemplo mais drástico disto, dado que geram a partir de um todo outrora coeso de um castelo através de um desmoronar de grande parte tangível.”⁹³

A investigação continuou e conduziu-nos às atuais instalações da GNR de Paços de Ferreira. Localizada no centro da cidade de Paços de Ferreira na rua Dr. Leão de Meireles.

⁹³RIEGL, Alois – *O culto moderno dos monumentos*. Lisboa: Edições 70. 2016. p.29

Câmara Municipal de Paços de Ferreira, não esqueceu um dos pilares da memória dos brasileiros (a sua arquitetura), solicitou um projeto, ao Departamento Técnico de Urbanismo e Obras para preservação e salvaguarda, que permitisse reinstalar o posto de GNR. O projeto final ficou concluído em Maio de 1989.

Defender o património é salvaguarda a identidade. Já Riegl afirmava na sua obra: O Culto Moderno dos Monumentos:

“Um mero amontoado informe de pedras já não é suficiente para oferecer ao espectador o valor de antiguidade: tem de existir para tal pelo menos um traço ainda que perceptível da forma original da obra humana de outrora”⁹⁴



Figura 4.2-54. Edifício Guarda Nacional Republicana – Remodelada

4.2.7.2. Exterior do edifício

O edifício apresenta uma estrutura paralelepípedica, composto por 2 pisos. A fachada principal é formada por três corpos: o central com um vão de porta de

⁹⁴ RIEGL, Alois – *O culto moderno dos monumentos...* op. cit. p.29

arco de volta perfeito com chave envasado em silharia fendida, os laterais são rebocados e com dois vãos de janelas de peitoril contornadas com frisos de cantaria. As pilastras e o friso que separa o rés-do-chão estão assentes num embasamento de cantaria. Uma escadaria em cantaria com grades de ferro fundido, começando no degrau mais comprido com os seguintes a diminuir sucessivamente até ao patamar que dá acesso à porta principal. A porta é de madeira de duas folhas. Encimando a porta está um arco de ferro forjado trabalhado.

No friso que separa os pisos abrem-se quatro aberturas retangulares, simétricas com as janelas do primeiro piso.

A platibanda que remata a fachada principal do edifício é em cantaria, com almofada, destacando-se, ao centro, um friso de balaústres. Nas extremidades da platibanda e do friso de balaústres surgem ornatos em cantaria.

A fronteira com a via pública é feita com um muro rebocado, assente e capeado em cantaria. No muro, na direção da porta principal, abre-se uma larga porta assente em duas elegantes colunas em cantaria que terminam em ornatos. O muro tem grades de ferro forjado trabalhado assim como a porta. Sobre a porta há um arco de volta perfeita de ferro fundido trabalhado onde sobressai a data: 1887.

Após a investigação realizada, não encontramos documentos sobre o interior da casa, à data da construção.

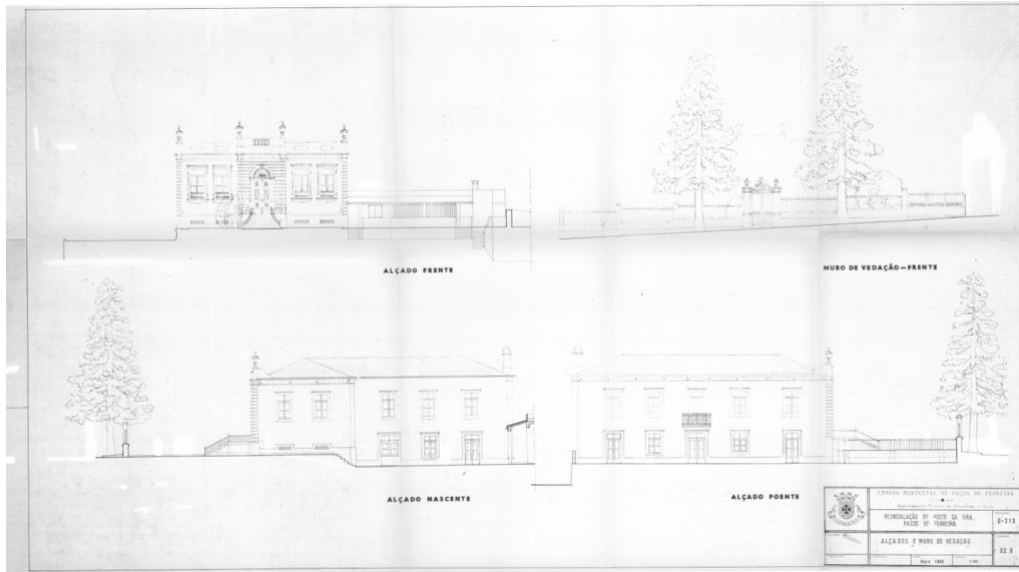


Figura 4.2-55. Alçados e muro de vedação (A. M. P.F.)



Figura 4.2-56. Alçados e Cortes (A. M.P.F)

4.3 Casa de “Brasileiros” em Ruínas

Herculano, homem sensível e atento ao que o rodeava exclamava: *“Feliz quem isto escreve, se pudesse curar alguém da febre demolidora; salvar uma pedra, só que fosse, das mãos dos modernos hunos!”*⁹⁵

Comungamos das ideias de Herculano: como seria bom que a índole destruidora dos homens tivesse terminado! Ainda hoje, se sente a necessidade de erguer a voz a favor dos monumentos, da história, da arte, da glória nacional que todos os dias vemos desabar em ruínas. Quem imaginaria que fosse possível, alguém levar pedras que contêm a História duma nação para construir propriedades privadas!

Conhece-se pelas marcas desta atividade que um monumento não foi produzido no presente mais chegado, mas sim num tempo mais ou menos recuado, assentando o valor de antiguidade de um monumento, por conseguinte, na perceptibilidade distinta de tais marcas.”⁹⁶

Segundo Alois Riegl, na sua obra *“O culto moderno dos monumentos,”* o século XX seria dominado pelo valor da antiguidade dos monumentos *“cuja percepção parece assentar na própria satisfação estética do espectador moderno dos monumentos antigos.”*⁹⁷

O seu pensamento torna-se preponderante na conservação e preservação da herança dos brasileiros torna-viagem pacenses. Para que tal se verifique, é imperioso que o homem não desvirtue a traça original, *“viver livremente a sua vida até ao fim, e o homem pode, quando muito, preservá-lo de uma morte temporã”*.⁹⁸

⁷¹ HERCULANO, Alexandre – *Monumentos Pátrios in Oppúsculo*. III

⁹⁶ RIEGL, Alois – *O culto moderno dos monumentos...* op. cit. p 70.

⁹⁷ Ibidem. p. 30

⁹⁸ Ibidem. p.30

Um pouco por todo o país, verificamos a morte temporã de muitas memórias da nosso passado. Paços de Ferreira não é exceção, pois encontramos exemplares de casas de brasileiros em completa degradação.

A Vila Beleza, imponente casa construída pelo torna-viagem Francisco da Mota Nogueira na freguesia de Frazão, encontra-se em elevado estado de degradação, tanto no interior como no exterior, devido ao abandono dos proprietários e algum vandalismo.

Esta propriedade foi adquirida recentemente por Diamantino Ferreira da Silva, apaixonado pela História e património, tenciona recuperar o edifício segundo a traça original.



Figura 4.3-1. Vila Beleza



Figura 4.3-2. Grade de ferro forjado com as iniciais do proprietário e data



Figura 4.3-3. Cozinha

Apresentamos mais um atentado ao património dos torna-viagem de Paços de Ferreira, situada na vila de Frazão, mandada edificar por Adolfo Bentes, emigrante de sucesso nas terras de Vera Cruz com a sua empresa de diligência.



Figura 4.3-4. Casa de Adolfo Bentes in Ruin Arte Casa de Brasileiros de Frazão



Figura 4.3-5. Sala – Adolfo Bentes⁹⁹

⁹⁹ - Frazão- ruina`arte - *Casa de Brasileiro*. [em linha] Ruinarte. blogspot.com.[consult. 22/02/2019]. Disponível internet ruinarte.blogspot.com > 2014/01 > casa-de-brasileiro-frazao

4.4 Valor e significado patrimonial das Casas de Brasileiros

Em meados de oitocentos, os brasileiros endinheirados encontraram uma solução arquitetónica para edificação das suas casas que mostrou o estatuto alcançado e o novo estilo de vida. Esta nova conceção de construir marcou profundamente o Concelho de Paços de Ferreira no seu património edificado.

Segundo Riegel “...É obra de arte toda a obra humana tangível, visível ou audível, que apresenta valor artístico; é um monumento histórico toda a obra deste tipo que possua valor histórico.”¹⁰⁰

Após a análise morfológicas e tipológicas das casas, identificámos o seu valor histórico, nas marcas arquitetónicas deixadas pelos brasileiros ao projetarem, e edificarem as suas habitações.” O valor histórico de um monumento assenta no facto de representar um grau totalmente determinado, como que individual, da evolução de uma dada área da criação humana.”¹⁰¹

Ao longo do trabalho de campo, constatámos a visão de Riegl sobre o valor de uso, onde ressalva a importância do uso dos monumentos para a sua conservação. Foi o que verificámos no caso em estudo. Comprovámos que as casas do Padrão, Dr. Vasconcelos, D. Judite Neto, e Vila Formosa, são residência permanente e a de Dr. Jaime Barros segunda habitação. Nelas são visíveis as marcas do tempo, que devem ser colmatadas com intervenções aproximando tanto quando possível ao estado inicial.

Por outro lado, analisámos casas que ao longo dos tempos sofreram várias ocupações desde a sua construção, passando pelo estado de degradação, como são exemplos a GNR e a Vila Maria.

“antes de mais, é necessário desembaraçá-lo das marcas da idade e assim, através de um aprimoramento generalizado ao nível da forma e da cor, ganha ele novamente o carácter de novidade.”¹⁰²

¹⁰⁰ -RIEGL, Alois – *O Culto Moderno dos Monumentos...*op. cit. p.10

¹⁰¹ Ibidem. p33

¹⁰² -Ibidem. p. 49

Na reabilitação destes edifícios, os arquitetos tiveram bem presentes as marcas arquitetônicas da casa de brasileiros, preservando-as e valorizando-as.

Finalmente, concluímos que as casas Vila Beleza e Adolfo Bentes apresentam um elevado estado de degradação, uma vez que deixaram de ser habitadas e não beneficiaram de qualquer reabilitação.

Toda a história de Paços de Ferreira está ancorada nas suas memórias das quais depende a sua identidade. Nos séculos XIX e XX, emigraram para o Brasil um considerável número de pacenses. Os bem-sucedidos retornaram à sua terra natal, onde exibiam as suas riquezas nas exuberantes casas que construíram marcando desta forma a paisagem do Concelho.

Essas construções refletem as vivências dos seus proprietários, tanto no Brasil como nas viagens que realizavam pela Europa, através da tecnologia avançada, de materiais inovadores e dos novos conceitos de higiene. No interior há uma relação estreita entre o conforto, a privacidade e a sociabilidade. Este novo conceito da “arte de bem viver” prolongava-se pelos magníficos jardins de árvores exóticas, onde não faltavam as palmeiras e lagos.



Figura 4.4-1. Jardim Dr. Vasconcelos

CONCLUSÃO

Ao iniciarmos o estudo das casas de brasileiros, logo nos apercebemos das premissas que tínhamos de analisar: emigração, causas e consequências, os torna-viagem e a arquitetura oitocentista.

Portugal na centúria de oitocentos atravessava um período conturbado tanto a nível económico como a nível social. O Brasil apresentava-se como uma das soluções para o povo português, pois, prosperava economicamente. Com a abolição da escravatura, a mão-de-obra faltou e para colmatar esta lacuna o estado subsidiava a angariação de novos colonos.

A oferta de trabalho, o conhecimento da língua e da religião dominante e algumas relações pessoais foram os fatores dominantes para os portugueses, que emigraram para esta antiga colónia, o Brasil. Do Minho e do Douro Litoral saiu um número significativo de habitantes em busca do sonho de uma fortuna rápida e de promoção social.

Pelo estudo que realizámos, concluímos que um número significativo dos brasileiros regressou à sua pátria com muito poder económico, emergindo uma nova burguesia, que transformou o país. Desde a saúde à assistência social, da educação à cultura estava presente o capital do brasileiro.

Esta nova burguesia refletia nas suas vivências as experiências vividas na diáspora. Desta forma, as suas residências eram edificadas sem arquétipo próprio, criaram o seu próprio “estilo”, fazendo uma profusão dos estilos arquitetónicos enriquecendo-os com nova gramática decorativa. Introduziram um novo conceito de habitar com uma distribuição tripartida: zona de serviços, zona privada e zona pública. Tanto no interior como no exterior das suas casas havia sinais de transculturalidade.

Constatámos que Paços de Ferreira também beneficiou da sua presença. O retorno dos brasileiros endinheirados alavancou, de certa forma, a economia pacense com a edificação das suas casas e com as ações de filantropia que implementaram.

As residências por nós estudadas são ecléticas e exuberantes, reflexo dos seus proprietários, homens de elevado prestígio social e com gosto pela modernidade. Recorreram sempre a inovadores estilos arquitetónicos e materiais nobres e de vanguarda.

Neste contexto, começámos por destacar as casas que não sofreram alterações ao longo dos tempos, são uma referência da arquitetura oitocentista do Concelho e que os seus proprietários são descendentes diretos de quem as encomendou. Referimos: Casa do Padrão, de Dr. Vasconcelos, D. Judite Neto, Dr. Jaime Barros e Vila Formosa.

Estudámos também a Vila Maria, referência do Concelho, e a Guarda Nacional Republicana que passaram por várias vicissitudes ao longo dos tempos, desde a funcionalidade à ruína, da sua reabilitação à aquisição de novas funções. Na recuperação destes edifícios, esteve sempre presente a sua história revelada nas fachadas, remetendo-nos para importância do valor da memória.

Destacámos ainda, pela negativa, o estado de abandono e ruína a que chegaram as Casas de Adolfo Bentes e Vila Beleza, esta última com a feliz perspectiva de adquirir uma nova vida, segundo o projeto do seu novo proprietário.

Na verdade, no trabalho de campo realizado, deparámo-nos com o vasto património deixado pelos nossos brasileiros, um legado que deve ser conhecido e valorizado, para que a comunidade sinta a urgência da sua preservação, pois, ele torna-se basilar para compreendermos a História oitocentista de Paços de Ferreira.

Durante a nossa investigação, fomos abordadas pelo presidente da Associação Patrium, Paulo Bettencourt. Trocámos conhecimentos e ele ficou muito sensibilizado e interessado pelo estudo que efetuámos. Após várias reuniões foi-nos proposto a divulgação desta investigação.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Locais de Pesquisa Documental

Arquivo da Câmara Municipal de Paços de Ferreira

Arquivo da Biblioteca Municipal Professor Vieira Dinis Paços de Ferreira

Arquivo Histórico do Municipal do Porto

Arquivo Notarial de Paços de Ferreira

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Biblioteca da Universidade do Minho

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura Universidade do Minho

Biblioteca Municipal de Fafe

Biblioteca Professor Marcelo Rebelo de Sousa

Biblioteca Municipal Professor Vieira Dinis Paços de Ferreira

Biblioteca Pública Municipal do Porto

Biblioteca do Museu da Fotografia Porto

Biblioteca da Escola Superior de Educação de Fafe

Fontes Impressas

- ANTT - Governo Civil. Passaportes caixas 14; 77; 80
- Alvará Régio de 20 de Agosto 1721 in PT- TT- gav-2-4
- Ata da Assembleia Municipal realizada na Câmara Municipal, no dia cinco de Novembro do ano 2014.
- Registo Predial da Vila Maria- Conservatória do Registo Predial de Paços de Ferreira.
- Casa de Judite Neto: Arquivo Familiar
 - Projeto Definitivo do da Casa Chalet -0,01.
 - Planta do Edifício
 - Desenho dos Alçados e Cortes
- Casa Vila Maria: Arquivo Municipal
 - Planta do 1º piso, piso intermédio e 2º Piso – Escola Preparatória de Paços de Ferreira- Armando Gama
 - Projeto do Reabilitação da Vila Maria- Alteração para Centro de Dia. D. Escala original 1: 200. Arquiteto Sílvio Silva. Paços de Ferreira, abril de 2009.
 - Planta dos Alçados principais
 - Planta do rés-do-chão
 - Planta da proposta de reabilitação do Rés-do-Chão
 - Planta do 1º andar
 - Planta da proposta de reabilitação1º andar
- Guarda Nacional Republicana: Arquivo Municipal
 - Alçados e Muros de Vedação
 - Alçados e Cortes

Fontes Orais

Emília Teresa Carneiro Leão

Dr. Fernando Manuel Torres de Vasconcelos

Dr. Paulo Fernandes Barros

Dr. Pedro Nogueira

Tenc. Agri. Rodolfo Hassan Rustam Alves Bentes

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - «Património - Riegl e hoje». *Revista da Faculdade de Letras- História*. Porto: Universidade do Porto. II Série. Vol. X, (1993) 307

ALVES, Jorge Fernando - *Os Brasileiros Emigração e Retorno No Porto Oitocentista*. Porto: Gráficos Reunidos. Lda, 1994

ALVES, Jorge Fernandes [et.al] - *Porto de Partida Porto de Chegada: a Emigração Portuguesa*. 1ª edição, Âncora Editora, 2003

ALVES, Jorge Fernandes - *Brasil Terra de Esperança. Realidade e utopia na emigração oitocentista*. [em linha] Vila Nova e Famalicão: Edições Quase, 2007(Consulta (5/04/19) Disponível internet

<https://www.vilanovadefamalicao.org/op/document/?co=2802&h=208af>

ARRUDA, Luísa - *Decoração e desenho, Tradição e modernidade*, In Paulo Pereira (Direção). Vol.III - História da Arte. Lisboa. Edição 4127: Editora Licença Editorial Circulo de Leitores, 1995

BALLART, Josep - *El Patrimonio Histórico y Arqueológico: Valor y Uso*. Barcelona: Ariel Patrimonio Histórico, 1997,

BRAGA, Jorge Salazar - *A Casa do “Brasileiro” e a paisagem rural do século XIX*. Separata das Comemorações do Dia da Comunidade Luso-Brasileira. Ministério dos Negócios Estrangeiros. Secretaria de Estado das Comunidades. Câmara Municipal de Ponte de Lima, 1986.

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da; COELHO, Teresa Campos - *O Palácio dos Marqueses de Alegrete à Mouraria: de Palácio Ausente à memória do Sítio*. [em linha]. RUN Repositório Universidade Nova. Lisboa, 2016(Consulta 05/07/2019) – Disponível Internet

[O Palácio dos Marqueses de Alegrete à Mouraria - RUN](#)

CÂMARA, Maria Alexandra T. Gago da; COELHO, Teresa Campos - “*Quinta das Lapas. Recreio e Erudição numa notável morada do 1º Marquês do Alegrete (1641-1789)*” IN *A CASA SENHORIAL. Anatomia dos Interiores*. Actas do III Colóquio Internacional, Coordenação de Gonçalo Vasconcelos e Sousa e Ana

Pessoa nos dias 16 e 17 de junho 2016- Porto Escola de Artes Universidade Católica Portuguesa. [em linha]. Porto, 2018 (Consulta 07/07/2019)Disponível em>acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/artigos?task=download&file=pdf&id=451>

CARVALHO, Augusto - *O Brazil- Colonização e Emigração, Esboço Histórico*. [Em linha]. Imprensa Portuguesa, Editora: Porto,1876. (consulta 21/ 07/2019) Disponível em<
<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=midias&id=199008>>

CARVALHO, Joaquim Manuel Fernandes – *A Indústria do Mobiliário Escolar Em Paços de Ferreira o Caso da Fábrica Albino de Matos, Pereiras & Barros, Lda*. Porto: Universidade do Porto,2004. Dissertação de Mestrado

CARVALHO, Manuel Rio – *Are Nova*, in Paulo Pereira (Direção) - História da Arte. História da Arte. Vol. II Lisboa. Edição 4127. Editora Licença Editorial Circulo de Leitores,1995

CARDONA, Paula Cristina Machado - *Património Artístico da Igreja Paroquial da Raimonda*. Paredes: Reviver Editora, 2011

CASTELO, Camilo Branco - *Eusébio Macário, História natural social do tempo de Cabrais*. Publicado originalmente em 1879” projeto Livro Livre” Livro 427. São Paulo: Poeteiro Editor digital, 2014

CASTRO, Ferreira - *Emigrante- Obras de Ferreira de Castro*. Porto: Edição Lello & Irmão. 1979

CASTRO, Laura, SILVA; Raquel Henriques. *História da Arte Portuguesa Época Contemporânea*. Lisboa: Universidade Aberta,1997

CHOAY, Françoise - *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 2010

COMIBRA, Artur Ferreira - *Fafe a Terra e a Memória*. Fafe: Câmara Municipal de Fafe, 1997

COELHO, Armando Coelho - *Origens e Povoados Megalíticos da Romanização* in Paços Ferreira Estudos Monográficos de Paços de Ferreira Vol. I: Câmara Municipal Paços de Ferreira, 1986

CORREIA, António Torres - *Freamunde Apontamentos de uma Monografia*. Anegia: Editora, 2005

DINIS, M. Vieira - *Costumes e Tradições Pacenses*. In Estudos Monográficos, Vol. II. Paços de Ferreira: Gabinete de Informação e Cultura, 1986

DINIS, M. Vieira – *Etnografia de Paços de Ferreira*. Paços de Ferreira: Associação Dos Jornalistas e Homens da Letras do Porto, 1984

DINIS, M. Vieira - *História e Etnografia- Casas Antigas do Concelho. Casa do Padrão- Penamaior- I*. Gazeta. Paços de Ferreira (10/07/1969)

DINIS, M. Vieira. *História e Etnografia - Casas Antigas do Concelho. Casa do Padrão- Penamaior- II*. Gazeta. Paços de Ferreira (20/07/1969)

DINIS, M. Vieira. *História e Etnografia- Casas Antigas do Concelho. Casa do Padrão- Penamaior- V*. Gazeta. Paços de Ferreira (20/08/1969)

DINIS, M. Vieira. *História e Etnografia - Casas Antigas do Concelho. Casa da Coqueda - I* Gazeta. Paços de Ferreira (10/11/1971)

DINIS, M. Vieira. *História e Etnografia - Casas Antigas do Concelho. Casa da Coqueda - IV* Gazeta. Paços de Ferreira (20/01/1972)

DINIS, M. Vieira. *História e Etnografia - Casas Antigas do Concelho. Casa da Coqueda - V* Gazeta. Paços de Ferreira (10/02/1972)

DINIZ, Júlio - *Uma família Inglesa*. Lisboa: Editores Associados: 51

Elsa Peralta. Património e Identidade, *os desafios do Turismo Cultural*. Revista, p. 218 Disponível em

<https://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/view/932/734>>Acesso15/01/2019

Encontro de Estuques: Atas das sessões realizadas no Museu Nacional Soares dos Reis no dia 22 de novembro 2008. Porto [Em linha], Coordenação do Encontro Dr.º Paulo Castro e Dr.ª Patrícia Salgado. Edição, Museu do Estuque Bubuk (Consulta 05/07/2019) Disponível na Internet

[www.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/LivroActas_final%20\(2\).pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/LivroActas_final%20(2).pdf)

FONSECA, Alexandra Filipa Novais Moreira Fonseca - *Reabilitação do Património Edificado A Arquitetura dos “Brasileiros” Casa José Florêncio Soares, Fafe*. [Em linha]. Porto. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura Universidade do Porto, 2016. (Consulta 16/03/2018) <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/87109>

FRANÇA, José Augusto - *A arte Portuguesa de oitocentos*. [Em linha]. Maia: Gráfica Maiadouro, 1992 (Última consulta 02/07/2019) Disponível na Internet cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/arte/9-9/file.html

FRANÇA, José Augusto; Carneiro António - *A Arte e Portugal no século XIX*, Vol. II Livraria Bertand. Lisboa, 1981

FRANCO, Renato - *Os brasileiros Enquanto Agentes de Mudança*. CITEM- Universidade do Minho (Portugal) e Getúlio Vargas Brasil, 2013.

GOMES, Luís - *Modelos Identidade e desenvolvimento*. Junta de Freguesia de Modelos: Editora, 2009

GOMES, Paulino - *Paços de Ferreira História de um Guerreiro*. ANEGIA: Editora, 1995

JANSON.H.W- *História da Arte*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 2005

LACERDA, Silvestre de Almeida - *Paços de Ferreira: Traços de História Contemporânea*. In Estudos Monográficos, Vol. II: Paços de Ferreira, Gabinete de Informação e Cultura, 1986,

Livro de Mumadona, Cartulário medievo existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Reprodução facsimilada do códice que traduz o Testamento da Mumadona de 26 de Janeiro de 959, Apresentação por J.A. Pinto Ferreira, Academia Portuguesa da História (Ministério da Educação Nacional), Lisboa, 1973

LOUREIRO, José Carlos; PEIXOTO, Paula Torres; SANTOS, Patrícia Mota - *Conhecer para Preservar Casas de Brasileiros Norte e Centro de Portugal*. Porto: Afrontamento Edições, Lda, 2017

MARONDES, Neide e BELLOTO, Manoel (orgs)- *Representação Materiais “Brasileiros” e Construção simbólica do Retorno- Turbulência Cenários de Transição- o século XIX Ibero- americano– As Marcas Arquitetónicas de Brasileiros na paisagem*[Em linha].Edusp: Editora Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005 (Consulta 03/04/ 2018) Disponível internet dmz-web.cm-fafe.pt/.../As%20Representações%20Materiais%20Do%20 Brasileiro %...

MENDONÇA, Isabel; CARITA, Hélder; MALTA, Marize. Coordenação - *A casa Senhorial em Lisboa e Rio de Janeiro: Anatomia dos Interiores* [em linha]. Rio de Janeiro: Instituto da História da Arte Faculdade de Ciências sociais e Humanas – Universidade Nova. Escola de Belas Artes Universidade, 2014(consulta 6/07/2019) Disponível internet <https://archive.org/.../ACasaSenhorialEmLisboaENoRioDeJaneiroAnatomiaDosInteriores...>

MONTEIRO, Miguel - *Migrantes, emigrantes e “brasileiros” de Fafe, 1834-1926: Territórios, itinerários e Trajectórias*. Fafe: Edição de Autor, 2000.

MONTEIRO, Miguel - *Fafe dos «Brasileiros» (1860-1930). Perspectiva Histórica e Patrimonial*. Fafe: Empresa do Diário de Minho, Lda. Fafe, 2004.

MONTEIRO, Miguel- *Representações Materiais do “Brasileiro” e Construção simbólica do Retorno*. [Em linha] *Revista Camões Nº 11* (Consulta 22/03/2019) Disponível na Internet

cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/revistas-e.../file.html

MONTEIRO, Miguel - *Marcas Arquitectónicas do Brasileiro na Paisagem do Minho*. In Catálogo “*Os Brasileiros de Torna-Viagem no Noroeste de Portugal*”. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2000

MOREIRA, Carla - “O entendimento do Património no contexto local” in *OPPIDUM Revista de Arqueologia, História e Património, nº1*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, 2006

NETO, Alda - *Casa de “Brasileiros”*: uma reflexão Crítica. 2018 (Consulta 08/07/2019) Disponível Internet:

www.researchgate.net >

Necrologia. Jornal de Paços de Ferreira - Semanário Republicano. Paços de Ferreira (30/ 10/ 1909)

NOLASCO, Maria da Luz- *A Arte Nova em Portugal nos azulejos em Portugal*. CFCUL [em linha] Aveiro, 2011(consulta 03/07/2019). Disponível na Internet cfcul.fc.ul.pt/premios/catalogo-artenova.pdf

Noticiário. Jornal de Paços de Ferreira- Semanário Republicano. Paços de Ferreira (20/06/ 1908)

Noticiário. Jornal de Paços de Ferreira- Semanário Republicano. Paços de Ferreira (29/05/1909)

OLIVEIRA, Ernesto veiga e GALHANO Fernando - *Casas Esguias do Porto e sobrados do Recife*. Recife: pool Editorial S/A, 1986

ORTIGÃO, José Duarte Ramalho - *O Culto da Arte em Portugal*. [em linha] Lisboa: António José Maria, Livreiro, 1896 (Consultado em 6/04/2018) Disponível [O culto da arte em Portugal, Lisboa, 1896 - Biblioteca Nacional Digital purl.pt/207](http://purl.pt/207)

PAÇOS DE FERREIRA- Aquisição de serviços para a elaboração do Plano de Ação para a Regeneração Urbana (PARU) com vista à preparação de Candidatura ao programa Regional do Norte 2020. Relatório: Proposta de delimitação da área de reabilitação Urbana. PR-02687/, Junho 2016

PAÇOS DE FERREIRA, *NÚMERO COMEMORATIVO DO 1º CENTENÁRIO DO CONCELHO PAÇOS DE FERREIRA*

PAIVA, Maria Amélia Silva- *Portadas na arquitetura civil no concelho de Ponte de Lima: Estruturas, funções e significados*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras. Porto: Faculdade de Letras Universidade do Porto, 2004

PEIXOTO, Paula Torres - “Casas de Brasileiros no Porto”, in *Tripeiro*, Série VI, 2009

PEIXOTO, Paula Torres - *Palacetes de Brasileiros no Porto (1850-1930) do estereótipo à realidade*. Porto: Afrontamento, 2013

PEIXOTO, Rocha - *Estudos Etnográficos e Arqueológicos* Vol. I. Pova de Varzim: Edição, Câmara Municipal de Pova de Varzim, 1967

PEREIRA, Paulo - *Revivalismo: A arquitetura do desejo*, in - *História da Arte*. Vol. III. Lisboa: Edição 4127: Editora Licença Editorial Circulo de Leitores, 1995

PIMENTA, Alfredo; FIGUEIREDO, Antero; VASCONCELOS, José Leite[et.al]- *Paços de Ferreira textos & imagens sobre o concelho*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira, 1984

QUEIROS, Francisco; Portela, Ana Margarida- *Romantismo: Período Áureo do Azulejo Português*. In FLOR, Susana Varela –*Herança de Santos Simões Nova Perspectivas para o Estudo da azulejaria e da Cerâmica* [em linha]. Lisboa: Edições Colibri. Disponível em

[\(PDF\) Romantismo: o período áureo da azulejaria portuguesa ...](#)

REGINA, Anacleto - *História de Arte em Portugal, Neoclassicismo e Romantismo*. Volume 10: Lisboa. Publicações Alfa,1986

RIBEIRO, Helena - Fachada das casas dos “Brasileiros” de Fafe – Uma abordagem patrimonial. *Dom Fafes Revista Cultural*, Ano XIII, nº 13/14. Fafe: Câmara Municipal de Fafe, 2007.

RIBEIRO, Nelson Pôrto - *Subsídios para uma construção da história Luso Brasileira*. Editora. POD. Pós-Graduação em Arquitetura Urbanismo da UFES

RIBEIRO, Orlando - Entre-Douro-e-Minho. *Revista da Faculdade de Letras- Geografia* [em linha] Nº I Série. Vol. III ,(1987), p 5 a 11. (consultado 16/01/2019). Disponível na internet:

[Entre-Douro-e-Minho](#)

RIEGL, Alois – *O Culto Moderno dos Monumentos*. Lisboa: Edições 70. 2016.

SAMBRICIO, Paula André Carlos - *Arquitetura Popular Tradição e Vanguarda Tradicion y Vanguardia*. [Em linha] Lisboa: ISCTE-I nstituto Universitário de Lisboa, 2016 (Consulta 04/02/2019).

SANTOS, Eugénio dos - Os Brasileiros de Torna-Viagem. In Catálogo da Exposição “Os Brasileiros de Torna-Viagem no Noroeste de Portugal”. Lisboa:

Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

Segundo o Instituto português do Património Arquitectónico (Alvará Régio de 20 de agosto de 1721) [em linha] consultado (consultado 27/04/2018) Disponível internet

cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco3/bloco3.html

Seminário Internacional sobre *a presença do Estuque em Portugal do Neolítico à época Contemporânea*: Atas das sessões dos dias 2,3, de Maio, 2007. Cascais. Centro Cultural de Cascais: Organização Câmara Municipal de Cascais; Universidade Lusíada; Universidade Lusíada/ Centro de Investigação em património Universidade Lusíada; Museu do Estuque. Edição Câmara de Cascais. (consulta 22/004/2019) Disponível internet

https://biblioteca.cascais.pt/...PDF.../DG24_0000_ObraCompleta_t24-C-R0150.pdf

SERRÃO, Vítor – “*Faltam técnicos capazes de encarar o Património como algo de vivo integrado e interdisciplinar*”, in *Pedra & Cal*. Revista do Grémio das Empresas de Conservação e Restauro do Património Arquitectónico. Lisboa. Ano III

SILVA, Rosa Fernanda - *Caracterização Geográfica. In Estudos Monográficos*. Vol.I Paços de Ferreira: Gabinete de Informação e Cultura 1986

Sousa, Fernando; Martins, Isménia; Matos, Izilda. Coordenação - *Nas duas Margens*. Porto: Edições Afrontamento, 2009

Sousa, Fernando; Martins, Isménia; Martins, Conceição, Coordenação – *A Emigração para o Brasil*. Porto: Edições Afrontamento, 2007

SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos - *Metodologia da Investigação, Redação e Apresentação de trabalhos Científicos*. Porto: Civilização Editora, 2005

2º Congresso Internacional da História da Construção Luso Brasileiro- *Culturas partilhadas- A construção dos que regressam do Brasil no século XIX (para o centro)*: Atas das sessões realizadas nos dias 14 e 16 de setembro. Vol.2. Porto: Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo, 2016

TAVARES, Domingos - *Casa de Brasileiros Equações de Arquitetura*. Porto: Dafne Editora, 2015

TAVARES, Domingos - *Palacete Marques Gomes Equações de Arquitetura*. Porto: Dafne Editora, 2015

VIEIRA, José Augusto - *O Minho Pitoresco*. Lisboa. Tomo I-II Livraria António Maria Pereira. Editor. Lisboa, 1886

Vila Beleza. *Jornal de Paços de Ferreira- Semanário Republicano*. Paços de Ferreira.(20/06/1908)

Website:

A casa Senhorial. Portugal Brasil & GOA Anatomia dos interiores [em linha]
<http://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/>

DGPC/ Pesquisa Geral – Direção Geral Património Cultural. Igreja de São Pedro de Ferreira. [Em linha] Direção Geral do Património Cultural (consulta 08/05/2019) Disponível

www.patrimoniocultural.gov.pt/.../patrimonio/patrimonio.../pesquisa...patrimonio/.../g...

SC_Diocese do Porto- *Apostola da caridade Leiga e itinerante A serva de Deus Silva Cardoso*: silviacardoso.diocese-porto.pt [em linha]. Porto: Diocese do Porto [consult.06-05-2019]. Disponível internet [actividade sócio-caritativa e evangelizadora de Sílvia Cardoso](#)

Junta de Freguesia de Paços de Ferreira. Mosteiro de São Pedro de Ferreira- [em linha]. Paços de Ferreira (08/05/2019), Disponível

<https://www.jf-pacosdeferreira.pt/diretorio/mosteiro-de-sao-pedro-de-ferreira/>

Município de Paços de Ferreira. Com empenho da Câmara Municipal e Santa Casa Misericórdia [em linha] Paços de ferreira (Consulta 23/03/2018)

<https://pt-pt.facebook.com/municipiopacosdeferreira/.../com-o-empenho-da-câmara-m...>

Paços de Ferreira Recuperação da Casa da Coqueda. [em linha] Porto Canal Tâmega e Sousa. 2012 Disponível

<https://www.youtube.com/watch?v=wI-gRz0FEvg>

Património. Associação Empresarial de Paços de Ferreira (Consulta 23/03/2018)

<https://www.aepf.pt/2010/08/17/patrimonio/>

Rota do Românico. Mosteiro de Ferreira de São Pedro de Ferreira. [em linha] Valsousa. Rosário Correia Machado. (08/05/2019) Disponível

<https://www.rotadoromanico.com/pt/monumentos/mosteiro-de-sao-pedro-de-ferreira/>

TSF. Encontros com o Património- Casa de Brasileiros. Disponível em

<https://www.tsf.pt/programa/encontros...patrimonio/.../casas-de-brasileiro-5208729.ht...>

